

Campus

Jornal-Laboratório do
Departamento de Comunicação da UnBn° 94
1ª Quinzena de junho de 86

FOTO DE MARGARETE VITÓRIA



O educador Paulo Freire, autor da "Pedagogia do Oprimido", não se sentiu nem um pouco "oprimido" pela reportagem do **Campus**. Ao contrário, não se esquivou a responder nenhuma pergunta. Na entrevista, que está nas páginas centrais dessa edição, Paulo Freire fala de Constituinte, política, Nova República, UnB, administração Cristóvam, sexo, drogas, rock'roll e até sobre educação.

KÁTIA TURRA



Cine Ritz

Um dos maiores exibidores de filmes do Brasil costuma dizer que "cinema ainda é a maior diversão". Ele pode até estar errado, visto que a grande maioria dos cinemas do País tem fechado as suas portas. O Cine Ritz passa incólume por essas crises, e só o que não se pode dizer é que ninguém se diverte por lá.

PAULO FREIRE

Cartas

Senhor Editor Geral,

Foi um surpresa que li, no nº 99 de "CAMPUS", os comentários da reportagem do Sr. RUDOLFO LAGO intitulada "Se não tomar Coca, toma bomba", atribuindo-me expressões tais como: "Então você vê", diz Manó - lillo, "que os Estados Unidos têm que atacar a Líbia mesmo. Ali é o núcleo"; Para Manó lillo "Kadhafi é louco, mas consequente, radicalmente consequente".

Gostaria de ressaltar, antes de tudo, minha admiração pelo "CAMPUS" e o trabalho laboratorial que nele realizam professores e alunos. Quanto à aludida reportagem, não conheço o repórter nem lhe concedi entrevista. Entretanto, como ao referir-se ao Prof. Nielsen de Paula Pires o Sr. Rudolfo cunha a expressão "República de Jamahiriya" (que seria o mesmo que dizer "República do Império", pois, a Líbia conceitualmente não é uma república, é uma Jamahiriya mesmo, igual a Lei da Massa, Estado da Massa ou Congresso Populares), entendo, no caso, o segundo como desavisado. No meu caso, porém, o Sr. Rudolfo colocou-me na boca palavras que não proferi.

Se me permite, faço, então minha colocação a respeito: a) sou defensor, há quarenta anos, da causa palestina; b) imputo ao terrorismo de Estado a atitude americana a culpa por todo o subseqüente terrorismo mundial, principalmente no seu recrudescimento após os massacres dos acampamentos de Sabra e Chatilla (Beirute, 1982), quando milhares de inocentes palestinos foram chacinados; c) idem com relação aos ataques contra a Tunísia, praticados por Israel, com apoio logístico norte-americano; d) sou publicamente amigo fraternal dos árabes, principalmente libaneses, sírios, palestinos e, mais recentemente, dos líbios; e) como político, seja como Presidente do Partido Socialista Brasileiro no Distrito Federal ou, futuramente, como Deputado Federal, defenderei a causa palestina contra o imperialismo norte-americano e seu braço no Oriente Médio, o sionismo; f) a Líbia não é núcleo do terrorismo, mas refúgio dos perseguidos, desertados, patriotas e libertários de inúmeros países colonizados militar e economicamente na Ásia, África e América; g) Kadhafi não é louco, nem passa perto, já o descrevi publicamente, seja em artigos ou debates, como de trato ameno, fala ponderada e hábitos ascéticos, sendo religioso, respeitador e profundamente ético nas relações com o sistema que ele criou, o Jamahiriya, ou seja, a 3ª Teoria Universal; h) a Líbia, massacrada séculos e séculos por diversos colonialismos, erige-se em apenas uma década como um Estado Socialista, onde prevalece o auto-governo onde o povo tem casa, escola e saúde de graça, pleno emprego, alto padrão de vida, amor próprio e fraternidade.

O único louco da Humanidade atual é o próprio Reagan, que é capaz de incendiar o mundo para ganhar a eleição de um terço do Senado americano e apagar a voracidade da indústria bélica da sua Califórnia, a força do inferno. Não sei, enfim, de onde o Sr. Rudolfo tirou a expressão, a mim atribuída "não pise no calo de um árabe, você vai ter dez contra você". Bem mais inteligente é o ditado, que costumo repetir: "Seja amigo de um árabe e terá dez; seja inimigo, e terá cem". Sugestão que passo ao Sr. Rudolfo.

Luiz Manó lillo
Luiz Manó lillo

O repórter responde

A entrevista completa do senhor Luiz Manó lillo está de posse do repórter, em fita gravada pela colega Andréia Cerqueira. O texto final da entrevista é fiel às declarações gravadas, conforme pode se constatar na transcrição abaixo (vide trechos grifados):

"Então você vê que realmente o imperialismo, dentro de sua ótica, tem que atacar a Líbia mesmo. Ali é o núcleo, ali é a porta por onde os líderes do Terceiro Mundo querem vir à luz, como os cristãos saindo das catacumbas. Nesse caso, a liderança de Kadhafi. Porque ele é um líder louco, mas um cara consequente. Apenas ele está sendo radicalmente consequente. (...) O povo líbio é fraternal e muito amigo dos seus amigos. Agora, tem aquela frase: não pise num calo dum árabe que você vai ter cem árabes contra você."

Assim, o único deslize que se pode admitir é que realmente não eram dez árabes, eram cem. Quanto a ter chamado a Jamahiriya de "República de Jamahiriya", o repórter reconhece o seu desconhecimento. (Rudolfo Lago).

Falta de educação

FABRICIO MARQUES

Em que medida o estudante da UnB participa da vida política da universidade e da cidade? Buscando uma resposta a esta pergunta, os alunos da disciplina Pesquisa de Opinião e Mercadologia, do Departamento de Comunicação, aplicaram um questionário em cerca de 1.000 estudantes de todos os departamentos da UnB. O critério de escolha das turmas em que se aplicariam os questionários foi o de proporção paritária entre alunos iniciantes (cursando até o 4º semestre) e veteranos (a partir do 5º semestre).

Com poucas exceções, a receptividade da comunidade da UnB à pesquisa foi muito boa. Muitos alunos, depois de responderem às questões, pediam que o resultado final da pesquisa fosse divulgado no jornal Campus. Alguns professores lamentaram não poder participar.

Mas houve exceções. A mais seria aconteceu na Faculdade de Educação, onde alguns professores proibiram a aplicação do questionário em suas turmas, mesmo mediante prévio entendimento. De nada adiantou explicar a estes docentes que o tempo de aplicação não ultrapassaria os dez minutos, tampouco tentar convencê-los da importância deste tipo de pesquisa para a vida da universidade, nem invocar o direito dos alunos de participar de algo que lhes diz respeito diretamente. Foi preciso selecionar outras turmas e contar com a cooperação de professores menos insensíveis na Faculdade de Educação.

Apesar dos percalços, a pesquisa foi feita e já está sendo apurada. Atendendo ao pedido dos alunos, o resultado deve sair no Campus até o final deste semestre. Mas não deixa de ser lamentável que a Universidade de Brasília, uma instituição que todos pretendemos aberta e democrática, tenha que continuar a conviver com atitudes insensatas e intransigentes. Mais triste ainda é constatar que o mau exemplo vem de onde não poderia, em hipótese alguma, vir: de uma faculdade de educação.

"Mulheres... que problema!"

SANDRA MACHADO

Parece que a mulher foi mais uma vez relegada à sua já tradicional subcondição na sociedade. As autoridades da área de Segurança Pública em Brasília, ao contrário das de outros Estados brasileiros, frustraram mais uma tentativa de se instalar aqui uma Delegacia Especial para atender a mulher. Já existem 26 Delegacias da Mulher em funcionamento e outras 13 em instalação, em vários Estados. Em Brasília, apesar do anúncio oficial do secretário de Segurança, coronel Olavo de Castro, em outubro do ano passado, a Delegacia Especial de Atendimento a Mulher (DEAM) está condenada a ser mais um projeto empoeirado nas gavetas desinteressadas do Governo do Distrito Federal.

A Delegacia da Mulher é reconhecida não só pelos grupos feministas, mas pelos próprios policiais, como um instrumento eficaz no combate à violência sexual contra as mulheres, feita ou por maníacos ou pelos próprios amantes ou maridos, quando estes partem para a

agressão física. Nas delegacias convenencionais já está claro que as mulheres não encontram a mesma receptividade que encontrariam junto a uma equipe policial feminina. Esta é fundamental para deixar a mulher violentada à vontade para denunciar seu agressor.

A presidente do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, Jacqueline Pitanguy, procurou o coronel Olavo de Castro para tentar convencê-lo da necessidade de se criar para o Distrito Federal a Delegacia da Mulher. O Secretário de Segurança concordou imediatamente com a criação da delegacia. Só que fez uma ressalva! "Realmente, precisamos da delegacia especializada. Temos aqui senhoras de parlamentares, ministros, altas autoridades. Volta e meia essas senhoras precisam denunciar as empregadas domésticas, e não fica bem elas procurarem qualquer delegacia".

Pelo que se vê, a prioridade do GDF não é dada aos estupros, agressões ou constrangimentos impostos pelo policiais masculinos às mulheres brasileiras. A questão é atender bem as maddames....

Eleger CA agora é caso de polícia

RUDOLFO LAGO

"Mas moça, a senhora tem certeza que precisa mesmo ir? A gente é sempre tão mal-recebido aí na UnB". Essa foi a reação de um policial ao receber um telefonema da aluna Helena Rivera, que pedia proteção policial para a apuração de votos na eleição para a nova diretoria do Centro Acadêmico de Direito. Essa reação do policial foi até natural. Afinal, era a primeira vez que a vinda da polícia ao Campus era um desejo de parte da sua comunidade.

Ao que se saiba, nunca antes uma eleição de CA tinha se transformado em caso de polícia. Os membros da chapa "Quid Iuris" estavam se sentindo ameaçados por seus adversários da concorrente "Explicita". Há até quem diga que recebeu ameaças de porrada.

O clima esquentou mesmo depois de que um vigilante escreveu uma ocorrência relatando que os ocupantes de dois automóveis, depois de tê-los estacionado no estacionamento do Minhocão, subiram até o Direito e arrancaram vários cartazes da "Quid Iuris". O vigilante tinha anotadas as placas do carro. Foi possível identificar os seus donos. A denúncia foi levada a uma junta que regulava as eleições. Como se tratava de um

Departamento de Direito, os donos do carro, identificados como membros da "Explicita", foram levados a julgamento. A decisão foi marcial: expulsão da chapa.

No dia da apuração dos votos, o clima de fraternidade entre as chapas era esse. Em política estudantil, a máxima do barão de Coubertin é completamente desconhecida. Se o importante não é competir, a briga continuava contando com golpes desleais. No meio da apuração, algum engraçadinho apaga toda as luzes do Direito. As pessoas, já tensas, temem alguma confusão. A luz se acende de novo. Tudo parece bem. O engraçadinho ataca novamente. A luz se apaga. Apavorada, Helena Rivera desce do minhocão, conversa com membros do Serviço de Proteção ao Patrimônio e, não satisfeita, liga para a polícia.

A polícia chega e, pela primeira vez, não bate nem prende ninguém. Fica olhando de longe, meio constrangida, a chapa "Quid Iuris" conseguir mais votos do que as suas duas concorrentes juntas. Por outro lado, a luz curiosamente, não apagou mais naquela noite.

As discussões entre as duas chapas não parecem acabar tão cedo. Difícil é dizer quem tinha razão. Mas chamar a polícia parece um certo exagero. Resta traduzir o latim da chapa vencedora: "De quem é o direito?"

"Planejamento familiar"...

ANDRÉA CERQUEIRA

Como se já não bastasse o nordeste brasileiro, agora é a Ceilândia que será palco de esterilização de mulheres em massa (ver denúncia no Correio de 1/6 e JB de 2/6), com a complacência da chamada Nova República. A trama toda envolve o Ministério da Saúde, com seu "Planejamento Familiar", a Secretaria de Saúde do DF e uma empresa privada norte-americana. Trata-se de uma operação simples de ligamento de trompas que pode ser feita em poucos minutos, e que já vem sendo realizada em grande escala sem a menor orientação às mulheres de baixa renda sobre suas implicações futuras. Esse ato desumano não seria de maior gravidade se não houvesse por trás disso uma ingerência externa com claros propósitos de dominação de nosso País de forma que lhe parece mais simples: a exterminação dos pobres, ou seja, da grande maioria da população brasileira.

Esse fato não é isolado. Assim como outros tipos de extermínio, ele serve para ilustrar bem as contradições inerentes ao sistema capitalista, ou seja, não consegue absorver a mão-de-obra que seu modo de produção gera e prefere mesmo eliminá-la e evitar a sua proletarianização.

Só assim se explica o fato de se fazer este tipo de "Controle da Natalidade" no Brasil, uma vez que nosso País, proporcionalmente à sua dimensão, é ainda um País subabitado. E a Região Centro-Oeste mais ainda. A densidade demográfica não chega a 0,5 pessoas por km². É diferente se falarmos do Distrito Federal, em si. Aí, segundo as entidades promotoras dessa esterilização, há uma explosão demográfica. Pode até ser, como ocorre nos grandes centros urbanos (devido à migração, etc.). Mas isso de maneira nenhuma justifica esse tipo de "extermínio".

Fazer esse tipo de controle, se é que se pode chamar assim — o verdadeiro Controle da Natalidade pode até ser benéfico como na China, onde é feito com orientação cultural e assistência médica — é fechar os olhos à realidade social brasileira. Isto é, não ir ao fundo da questão. O que o País necessita, no momento, é uma transformação desse modelo sócio-econômico dependente e usurpador que impede a utilização de nossas riquezas em toda a sua potencialidade, para que possam florescer muitas crianças. Um País que reverta seus recursos em prol da socialização da saúde e da educação não necessitará da morte, pelo contrário, será estimulado a impulsionar a vida.

Campus

Jornal-Laboratório do Departamento de Comunicação da UnB.

Professores Responsáveis: Hélio Doyle, José Salomão David Amorim, Murilo César Ramos, Maria Rita Leal (arte), Luiz Humberto Martins Pereira e Maria Luiza Venturelli (fotografia). Editor Geral: Sandra Machado. Chefe de Reportagem: Maria Lúcia Sigmaringa. Secretário de Redação: Clautenis Delene.

Editores: Marluce Paulista Brauna, Andréa Chagas Cerqueira, Adélia Barroso Fernandes, Heloisa Helena Fernandes, Clautenis Delene, Fábio Henrique C. Guimarães, Rudolfo Lago, Shirlene Costa, Marta Faria Andrade, Fabricio Marques, Ivan Brscan, Ana Paula Macedo Souza, Nara Ferreira, Vinicius Dória, Juarez Libaino Martins, Maria Lúcia Sigmaringa Seixas, Amneres Pereira, Alessandro Galvão, Cid Queiroz, Nevinho Alarcão, Maria Aparecida de Oliveira, Maria Cacilda Benevides, Sandra Machado, João Batista Paganine, Denise Rottemburg de Sá.

Reportagem: Fernando de Freitas, Greice

Angelotti Neves, Cláudio Marcelo Tourinho, Guilherme Solino Evelin, Paulo Alberto Fortes, Lilian Fonseca, Ana Teresa Serpa, João Anderson de Jesus, Cláudia Moema, Sabrina Costa, Jorge Maya, Ana Paula Padrão, Kátia Turra, Renato Afonso.

Diagramação: Chico Amaral.

Fotografia: Margareth Vitória e Nathália Kneipp

Laboratorista: Jeová Xangô

Ilustrações: João Batista Paganine, Humberto Junqueira, Adriano Valle, Pedro Henrique.

Secretária: Dalila Maia de Oliveira

Convênios visam a saúde da população

GREICE NEVES

O planejamento de uma nova política de saúde. Este é o objetivo dos três convênios firmados entre a Fundação Universidade de Brasília e os Ministérios da Saúde e da Previdência Social.

A finalidade desses convênios é promover a elaboração e execução de um Plano de Integração Ensino-Assistência na área de Ciências da Saúde visando a melhoria das condições de saúde da população e o desenvolvimento técnico-científico na área pela formação adequada dos profissionais da saúde. O que se pretende solucionar são problemas que ocorrem em hospitais da Rede Oficial, como a demora no atendimento, as dificuldades encontradas no tratamento e a distribuição e utilização dos estudantes da área médica que atuam nesses hospitais.

A Faculdade de Ciências da Saúde, que hoje engloba os Departamentos de Educação Física, Nutrição, Odontologia, Enfermagem, Medicina Complementar, Medicina Geral e Comunitária e Medicina Especializada, vinha passando por problemas com relação ao antigo convênio e utilização do Hospital Presidente Médici pelos seus alunos. Com os novos convênios, ela passa a ter uma participação mais ativa e um poder maior de decisão na Administração do Hospital.

A Faculdade de Saúde quer influir de forma mais ativa no Hospital

INTEGRAÇÃO

O diretor da Faculdade de Ciências da Saúde, Eduardo Queiroz, citou que os convênios vêm facilitar e viabilizar várias aspirações da área médica da Universidade, que até então não tinham como ser postas em prática. Segundo ele, o que se pretende é uma maior integração em todos os níveis, visando a responsabilidade dos profissionais para com a comunidade e a intensificação das relações Administração do hospital/médicos/alunos que ele julga de extrema importância. A necessidade de convênios desse tipo também leva em conta a ampliação da área de atuação do atendimento médico prestado pelos alunos da UnB (que se restringia ao Hospital Presidente Médici), para locais como postos de saúde e vacinação atingindo todas as camadas de população.

Como agora tanto os dirigentes do hospital, como os da Faculdade de Ciências da Saúde participam nas decisões administrativas, foi criado um Conselho Paritário Deliberativo, que permite a participação conjunta e que permitirá uma maior autonomia no hospital, funcionando de forma a facilitar a execução de novos projetos. Nos projetos dos novos convênios estão a ampliação do contato com a comunidade através de uma nova política de Saúde e a criação de cursos de especialização e

pos-graduação.

PRIORIDADES

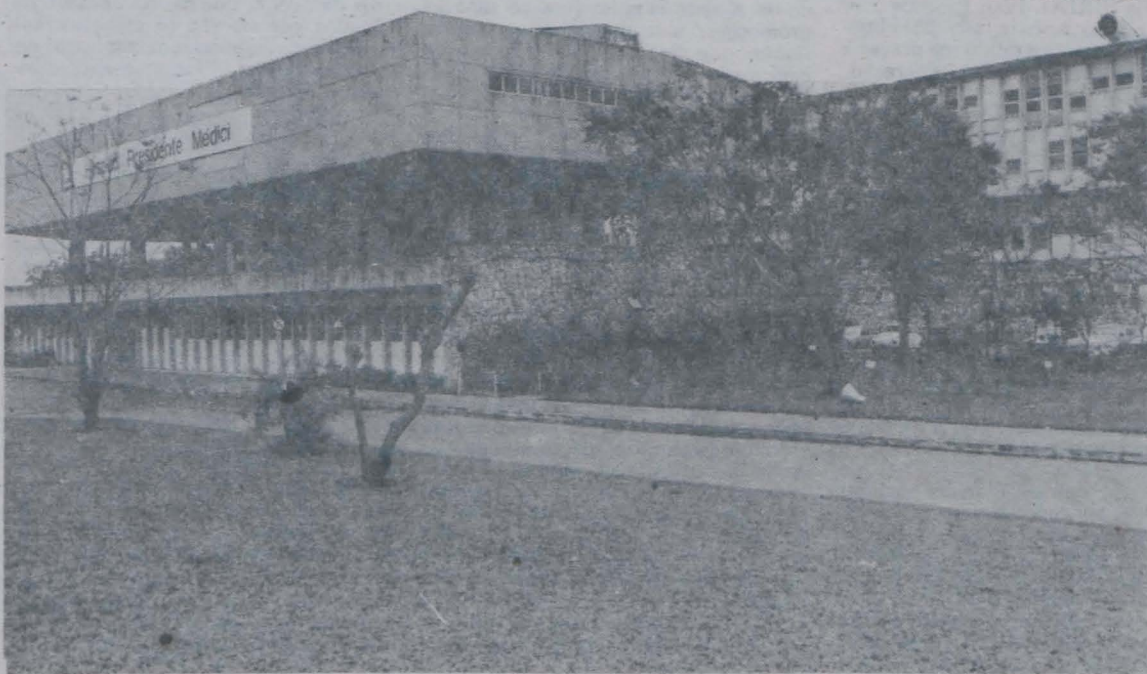
As prioridades dessa nova política serão a saúde do trabalhador, a administração de recursos para a saúde e uma mudança no ensino, pesquisa e assessoria da área. Para tal foram criados o Núcleo de Estudo de Saúde Pública (NESP) e as Ações Integradas da Saúde (AIS), com o objetivo de reformular e modificar os programas de saúde que existem atualmente.

Tanto o NESP como as AIS darão ênfase ao ensino e pesquisa para uma política de atendimento, e a execução de novas linhas e programas de trabalho. A Administração da Faculdade de Ciências da Saúde da UnB também aproveitará esta nova fase para reformular os cursos que oferece e promover o embasamento para tais mudanças através de uma reforma administrativa na Faculdade.

Eduardo Queiroz ainda diz que esta é uma etapa importante para a Universidade. "pois estamos num novo tempo político que nos permite muitas mudanças; a Faculdade de Saúde aproveitará este tempo para reformular seu currículo e promover melhoria em seus cursos; enfim haverá uma modificação. Com esse novo quadro político poderemos fazer muita coisa visando a melhoria da saúde pública."

Presidente Médici, para melhorar o atendimento aos carentes.

FOTO: Sandra Tibana



A erosão pode ser evitada

"A apropriação inadequada do solo" e do subsolo tende a acelerar os processos de erosão. A maior parte das enchentes em cidades ribeirinhas é consequência disso. "A afirmação é do Geólogo Manoel Winge, subchefe do Departamento de Geociências da Universidade de Brasília, que defende a criação de uma campanha nacional de esclarecimento sobre os problemas de erosão.

A falta de cuidados na apropriação do solo, principalmente através do desmatamento, leva à aceleração dos processos de erosão, que além de empobrecer o solo local, através da retirada de materiais, levam-nos para os vales principais dos rios, entupindo os canais flu-

viais provocando as enchentes.

"A Geologia no Brasil, hoje, está essencialmente voltada para a pesquisa de recursos minerais", explica Manoel Winge. Para ele não há uma preocupação intensiva com o estudo e análise dos problemas relacionados com a erosão na abertura de estradas, nos desmatamentos, e na instalação de loteamentos. Nas grandes cidades deveria existir um corpo técnico a nível governamental encarregado de acompanhar e realizar estudos sobre os problemas causados pela erosão. Manoel explica que esse estudo deveria ser permanente e daí poderiam ser definidas as diretrizes para a apropriação do solo e subsolo. "Esse mesmo corpo técnico deveria acompanhar problemas que venham a ocorrer, como por exem-

plo o caso recente na Ceilândia. O Governo do Distrito Federal, já criou uma Secretaria Especial de combate a erosão que deverá contar em seus quadros com geólogos especializados na área de erosão.

"É necessário que a população seja esclarecida de que alguns cuidados no uso do solo evitariam problemas, não só para as futuras, mas até mesmo para a própria geração". Segundo o professor Manoel, esse esclarecimento poderia ser feito através de campanhas de orientação através dos meios de comunicação de massa, e a nível formativo, através da inserção da matéria geologia nos currículos de primeiro e segundo graus onde seriam abordados também esses problemas.

Rubens Rebouças



MARLUCE BRAUNA

O soturno subsolo do Minhocão não serve apenas como moradia de bem nutridos ratos e ratazanas, como acreditam muitos na UnB. Nele estão localizados laboratórios, onde se desenvolvem importantes pesquisas.

O Campus percorreu os "subterrâneos" da UB, visitando diversos desses laboratórios, para definir suas funções básicas e conhecer os principais projetos em andamento.

MALACOLOGIA

O Laboratório de Malacologia tem sua linha de pesquisa voltada para a reprodução de caramujos. O estudo envolve técnicas como o acasalamento de caramujos criados isoladamente desde a imaturidade sexual ou a união entre um número variável de caramujos albinos (transparentes e pigmentados (pretos), com o propósito de separar geneticamente os produtos da fecundação.

Segundo o professor de Parasitologia do Departamento de Biologia Animal, Warton Monteiro, o estudo da reprodução dos caramujos do gênero "biom phalaria", "é um modo de poder controlar o tamanho das populações desses caramujos transmissores da esquistossomose".

MICRO IMUNOLOGIA

A Microimunologia estuda os micróbios. Uma das pesquisas desenvolvidas por esse laboratório, gira em torno das necessidades alimentícias e do estudo genético de protozoários como o Tripanosoma cruzi, causador da doença de Chagas. O objetivo principal desses trabalhos é conhecer mais profundamente os micróbios transmissores de doenças ao homem.

NEUROBIOLOGIA

Trabalhando basicamente no estudo do sistema visual dos mamíferos, o laboratório de Neurobiologia desenvolve pesquisas em torno da fisiologia e anatomia desse sistema.

Um estudo bem interessante está em andamento na neurobiologia. Trata-se de estabelecer a relação entre a informação visual recebida pelo mamífero e suas reações de orientação espacial.

QUÍMICA ANALÍTICA

O Laboratório de Química Analítica trabalha fundamental-

mente com o controle de poluição ambiental.

Dentre os estudos realizados no laboratório, dois se destacam: o primeiro visa determinar a existência de pesticidas em alimentos. O segundo tem o propósito de detectar nos alimentos enlatados, água potável e bebidas alcoólicas a presença de metais tóxicos ao homem. E para você que gosta de uma cachacinha, cuidado! As pesquisas desenvolvidas no laboratório demonstram que a aguardente possui uma determinada concentração de cobre.

ECOLOGIA

Esse laboratório tem como função principal estudar melhor forma de conservação e uso racional dos recursos provenientes do cerrado.

Alguns projetos como a análise do comportamento de animais no cerrado e a relação entre a planta e o solo, estão sendo desenvolvidos. A intenção desse trabalho é compreender melhor o funcionamento e a estrutura do ecossistema do cerrado.

GEOQUÍMICA

Seu papel dentro do Departamento de Geociências é o de oferecer orientação técnica em análise química dos elementos encontrados nas rochas e minerais. A partir desse estudo, o geólogo tem material para fazer um mapeamento geológico e determinar áreas com propensão à existência de minérios.

Um dos projetos de pesquisa do Laboratório de Geoquímica é bastante ousado. A informação será usada para o cálculo químico na análise das rochas.

SISMOLOGIA

Quando a cidade do México sofreu um enorme tremor de terra no ano passado, a estação sismológica da UnB registrou em seus aparelhos o grau do sismo na escala Richer.

Além de coletar dados sísmográficos e enviá-los a entidades no exterior e mesmo no Brasil, a estação sismológica desenvolve equipamentos de pesquisa e realiza estudos sobre a sismicidade brasileira.

O laboratório sismológico está trabalhando atualmente no mapa gravimétrico do DF. Nesse estudo será medida a variação que ocorre na gravidade tentando assim, descobrir as eventuais modificações da geologia no subsolo do DF.

Brasil tende ao socialismo

"O retorno dos militares cassados não é uma questão meramente militar. Nossa volta significaria levar para dentro das Forças Armadas a discussão das grandes questões nacionais como a dívida externa, a Reforma Agrária, a corrupção e a tortura". Esta opinião é do atual Capitão-de-Fragata, Paulo Ferro Costa, que em 64 foi um dos líderes do Movimento de Resistência dos Marinheiros ao Golpe Militar. Ferro Costa é membro da ADNAM — antiga AMIC (Associação dos Militares Cassados) — e hoje professor de Matemática da Fundação Educacional do DF.

Segundo Ferro Costa, a ADNAM concentra sua luta atualmente em três pontos básicos: a denúncia das restrições que ainda impedem o retorno de diversos militares à ativa (junto ao Conselho de Defesa da Pessoa Humana), a convocação dos ministros militares para explicarem as restrições à Emenda 26 da Anistia (27/11/85) e o apoio a can-

didatos à Constituinte comprometidos com a causa.

Nova República

Ferro Costa acredita que o pacote do Governo Sarney foi feito para impedir a mobilização contra a dívida externa. "Não houve um endurecimento com o FMI. O Brasil continua de joelhos". Afirma ainda que o Plano de Estabilização da Economia não criou mecanismos para a transferência de riquezas. A ADNAM, segundo Ferro Costa, não acredita que o Brasil possa sair dessa crise isoladamente. Defende a criação de um Mercado Comum Latino-americano e de uma nova moeda para as relações comerciais, que poderia ser o "cruzado". "Não precisaríamos mais depender nem da exportação de grãos nem do dólar".

Socialismo

"Há uma tendência natural da

sociedade brasileira de caminhar para o socialismo". Para Ferro Costa este é o principal motivo que faz com que os militares nacionalistas da ADNAM estejam hoje no PSB (Partido Socialista Brasileiro). Ele deverá sair candidato a deputado Federal pelo Distrito Federal. Acredita que o primeiro caminho para a socialização do Brasil é a união das esquerdas. Em seu programa de candidato a candidato consta a estatização do crédito, a socialização da propriedade e uma nova lei de aproveitamento do solo urbano. Ferro Costa enfatiza que, no processo de transformação do País, os estudantes cumprem um papel fundamental, porque são os formadores da opinião pública. "O estudante precisa sair dessas discussões superficiais dentro das universidades, tipo 'Je Vous Salue Marie', sair para as ruas, aproximar-se novamente do povo e reencontrar-se com sua função política".

Democratizar as Forças Armadas

O Coronel de Exército Ivan Cavalcanti Proença, capitão do Regimento Presidencial Dragões da Independência em 64, destacou-se na época por comandar a tropa do Exército que entrou com um tanque na Faculdade Nacional de Direito (CACO, no Rio de Janeiro) para proteger os estudantes que estavam encurralados pela polícia civil. Autor de muitas obras sobre Cultura, Popular Brasileira (A Ideologia de Cordel, Futebol e Palavra, etc), Ivan depois de preso, cassado e perseguido é hoje professor das Faculdades FACHA e BENNETT do Rio. Coordenador do Comitê de Reparações e Indenizações da Anistia (CRIA), Ivan Proença considera a última Anistia (nov. 85) elitista e restrita, porque mantém praças e marinheiros sem qualquer reparação, "como mortos-vivos".

Segundo Ivan, o CRIA defende a indenização de todos os militares cassados, a reintegração dos que desejam voltar à ativa e a anistia ampla às praças. Para isso, o Comitê vem atuando junto aos parlamentares, áreas jurídicas e imprensa. Atualmente, a entidade prepara um livro sobre a época anterior e pós-64, com o depoimento dos cassados e uma visão crítica da atuação dos militares que apoiaram o golpe.

O Pacote Econômico

"O que o povo necessita é de reformas abrangentes e principalmente a Reforma Agrária, não este esboço de Reforma que está aí. E essas medidas não podem ser concretizadas por estas pessoas comprometidas com o regime anterior". Nesse sentido, considera muito importante a luta da Igreja progressista pela implantação da Reforma. Ele acredita que o pacote é uma forma de colaborar com as exigências do FMI e por isso, não incluir a questão da dívida externa que, na sua opinião deve ser tratada em conjunto com os demais países da América Latina, para um maior poder de enfrentamento com o governo dos EUA. Defende ainda, eleições diretas como forma de dar maior independência aos políticos que irão processar essas reformas no País.

Segurança Nacional

"Segurança Nacional é um conceito que tem que ser revisto. Direito a uma sobrevivência digna, condições de emprego, de saúde, isso é que é segurança". Citou uma iniciativa que considera de maior importância: o plano de democratização das Forças Armadas. Este vem sendo estudado, há algum tempo pela ADNAM e visa o reexame da formação do militar, incorporando a esta a cultura, a sociologia, ou seja aproximando o militar do cidadão. "É preciso pensar nisso, para evitar que civis insatisfeitos continuem sempre a procurar os militares para dar golpes".

"Sarney, democrata e fraco"

Rui Moreira Lima, oficial da Aeronáutica, cassado por ir contra o golpe de 64, interceptando as tropas de Mourão Filho, e preso diversas vezes para responder inúmeros inqueritos, é hoje o presidente da Associação Democrática e Nacionalista de Militares — ADNAM, fundada há quatro anos. Rui acha Sarney um democrata e apoia as medidas tomadas por ele. Acusa-o porém de fraco porque, mesmo tendo ele recebido dos ministros militares o bastão de comandante supremo das Forças Armadas, aceitou a intromissão deles na lei de Anistia. E afirmou: "Se continuar assim, os militares ainda poderão dar um golpe".

Segundo Rui, a lei de Anistia (27/11/85) beneficiou civis, reintegrando-os a seus cargos, com as devidas promoções, mas marginalizou os militares, que serão atendidos de acordo com o regulamento militar. "Eles continuam usurpando os nossos direitos,

desabafa Rui, referindo-se à Velha e à Nova República. E disse que a OAB divulgará um parecer, explicando a lei de Anistia, assegurando que a ADNAM conta com o apoio da Academia Brasileira de Imprensa — ABI, e da própria imprensa, embora reconheça a dificuldade de uma participação mais efetiva desta, uma vez que para ele a imprensa é uma "casa de comércio, tem o controle dos anunciantes e da sociedade, que são conservadores".

Sobre dívida externa, Rui acha difícil uma moratória unilateral, lembrando o que aconteceu a Jan. quando quis tornar a lei de remessa e lucros menos favorável aos interesses estrangeiros. Por isso, defende a negociação, porém, é contra os pagamentos dos juros da dívida, que na sua opinião, os culpados por ela são os próprios credores, que empurraram dinheiro no Brasil à revelia. "foram maus negociantes", conclui.

Sérgio diz não à catástrofe

Sérgio Ribeiro Miranda de Carvalho, O Sérgio Macaco, do Grupo Parasar oficial da Aeronáutica, cassado em 1968, se tornou um nome nacional por recusar-se a cumprir uma ordem militar de seu chefe, o brigadeiro Burnier, que consistia em destruições de locais estratégicos e matança em massa de pessoas e políticos brasileiros. O plano de Burnier visava o fim dos comunistas do Brasil até a terceira geração. E para convencer Sérgio, Burnier confidenciou a ele que já estava acertada a entrega da Amazônia aos interesses estrangeiros em troca de medidas assistencialistas que dariam ao Brasil um padrão de vida europeu.

"Temos de construir a história e apagar algumas de suas páginas", disse Burnier a Sérgio. O climax do plano de Burnier, no entanto, seria a destruição de Ribeirão da Lages e a explosão do gásômetro da Novo Rio. De acordo com Sérgio, se essa explosão se desse na hora do rush, provocaria uma catástrofe sem precedentes: a cidade ficaria sem luz e água, com milhares de mortos e feridos. Isso sem contar os dois quarteis perto do gásômetro com cerca de 4 mil homens, que seriam atingidos. Toda essa armação com a opinião pública já manipulada —, seria atribuída aos comunistas. E o governo Costa e Silva, considerado fraco no trato com os comunistas, cairia.

Entretanto, o plano não foi executado, graças à renúncia de Sérgio. Mas os militares puderam ver que o golpe estavam indo longe demais. As críticas diárias da imprensa, que foi livre até o AI-5 de dezembro de 68, o discurso do deputado Márcio Moreira, pedindo que não levassem crianças à parada militar de 7 de Setembro, somando-se o caso Parasar, o estopim de tudo, intensifica-se o racha mi-

litar, permanecendo 90%, segundo Sérgio, do lado dele.

"No passado, os militares julgaram-se de mãos limpas para conduzir as Reformas de Bases, o que virou um pesadelo, desabafa Sérgio, afirmando que as Reformas hoje são ainda mais urgentes e requerem um braço forte. Para a Reforma Agrária, ele aconselha ao presidente Sarney a usar as Forças Armadas. E para conter a evasão de divisas, prega o não-pagamento dos juros, pois acredita que o País não pode continuar com esse "vampirismo capital" contra o povo".

Na Nova República, Sérgio acredita no ministro Dilon Funaro, para ele um homem sério e competente, mas não crê que o Governo lhe dê autonomia de ação. "O pacote foi a única medida apresentada até agora. E poderia ser respeitado mais os salários", diz Sérgio. Para acabar com o contraste social e distribuir melhor a renda, ele acha necessário um trabalho de base, feito de baixo para cima.

Candidato a candidato, Sérgio vai disputar uma vaga para Deputado Federal à Constituinte e já conta com o apoio de Brizola. E diz que sua opção pelo PDT resultou de um exame feito das duas únicas lideranças de 21 anos atrás: a de Jânio, conservadora; e a de Brizola, progressista. Segundo Sérgio, "Brizola traz o carisma de homem perseguido, que os militares gostariam de ter jantado". E assegurou que a malandragem política atual de Brizola é deixar que o pacote viva suas horas porque se houver alguma falha nele, ele será mais popular do que Sarney e Funaro juntos. E disse ainda que se a classe média carioca está descontente com o governador do Rio, porque a menos favorecida está satisfeita.



Paganini 86

Ex-Militares organizados por anistia e reformas

ANDRÉA CHAGAS CERQUEIRA
JOÃO ANDERSON ALVES

Desde o desfecho da 2ª Guerra, muitos movimentos de militares nacionalistas surgiram, notadamente na América Latina e África. No Brasil, surgiram diversos movimentos semelhantes, principalmente após o golpe de 64, como a ADNAM (Associação Democrática e Nacionalista de Militares) e o CRIA (Comitê de Reparações e Indenizações da Anistia). Estas organizações têm se notabilizado pela discussão de uma nova concepção de Segurança Nacional, voltada para a realidade terceiro-mundista. O "Campus" foi ouvir a opinião de alguns militares nacionalistas brasileiros cassados sobre esses e outros assuntos, como a questão da Reforma Agrária, do pacote econômico, etc.

CLÁUDIA MOEMA

A partir do próximo dia 29 de junho, haverá um novo esforço concentrado. Desta vez, porém, o palco das atenções não estará no Congresso Nacional, a cargo de parlamentares e trabalhadores e nem estarão sendo votados e aprovados projetos de lei ordinária. Trata-se do anteprojeto da nova Constituição brasileira, que vem sendo elaborado pela Comissão Provisória de Estudos Constitucionais.

Durante 15 dias, em regime de confinamento, os "notáveis" estarão reunidos no Centrecon — Centro de Estudos e Conferências — na cidade de Itaipava, próximo a Petrópolis, no estado do Rio de Janeiro. Com isso, eles pretendem aprovar os temas que ainda não foram submetidos à Plenária da Comissão, e a partir daí, darem a arrancada final para a conclusão do texto definitivo a ser entregue ao presidente José Sarney.

Instalada no dia 3 de setembro do ano passado, de acordo com o decreto assinado pelo presidente Sarney, a Comissão teria um prazo de 10 meses para apresentar suas conclusões. No entanto, a Comissão vem tentando sensibilizar o presidente a baixar um decreto prorrogando a data para 7 de setembro. Na verdade, todos os textos já estão prontos, a execução do texto referente ao Comitê Poder Judiciário e Ministério Público, mas apenas dois temas já foram aprovados em Plenária da Comissão — Comitê da Ordem Econômica e Comitê da Defesa do Estado, da Sociedade Civil e das Instituições Democráticas. E nos próximos dias 9, 10 e 11 de junho, a Comissão pretende aprovar mais dois — Comitê da Ordem Social e Comitê da Federação e Organização Tributária. Tudo isso, porém, ainda será submetido, em julho ao Comitê de Sistematização Constitucional, para apresentação do relatório final em agosto, ao presidente José Sarney.

POLEMICA

De acordo com o secretário-executivo da Comissão, Mauro Santayana, até hoje não há consenso em quase nada a não ser temas que envolvam direitos setoriais. "O Brasil é uma República Federativa, ninguém tem dúvida disso", exemplifica. Segundo ele, quando há interesse social, não há consenso e a solução é a votação. No entanto, alguns assuntos foram motivo para grandes discussões, como por exemplo, a disciplina do capital estrangeiro, abordado pelo Comitê da Ordem Econômica. Aí, segundo Santayana, foram adotadas medidas draconianas, pois, de acordo com o texto aprovado, a partir de agora, a propriedade do subsolo brasileiro é da União e para explorá-lo, somente brasileiros ou sociedades nacionais. E o texto não ficou por aí, pois também foi estabelecido o que é Sociedade Nacional — de acordo com emenda do presidente da ABI, Barbosa Lima Sobrinho, primeiro, só serão consideradas

sociedades nacionais aquelas que tiverem controle de capital e maioria de brasileiros, e, segundo, serão aquelas sociedades organizadas no Brasil, que tenham o seu controle de decisão e a sua sede no Brasil. O empresário Sérgio Quintella, por exemplo, não ficou nem um pouco satisfeito, quando a Comissão além de disciplinar, iria definir o que é Sociedade Nacional.

Outro tema de enorme polêmica foi a questão da polícia civil e polícia militar, analisadas no Comitê da Defesa do Estado. O jurista Saulo Ramos queria a extinção pura e simples da polícia militar e o jurista Miguel Reale Júnior pedia a manutenção. Santayana propôs que aos estados caberia legislar sobre a estrutura policial e atividade de seus corpos policiais, sendo que uma lei federal fixaria o limite do efetivo das políticas tendo em vista as suas dimensões territoriais e população e ainda que o Governo Federal só poderia requisitar essas tropas em caso de guerra. Toda essa proposta também foi vendida pela do jornalista Joaquim Falcão que apresentou uma forma mediadora — toda orientação da polícia terá que ser civil e esta poderá criar corpos uniformizados para policiamento ostensivo. A polícia militar, então, ficará como polícia de choque e poderá intervir em momentos especiais.

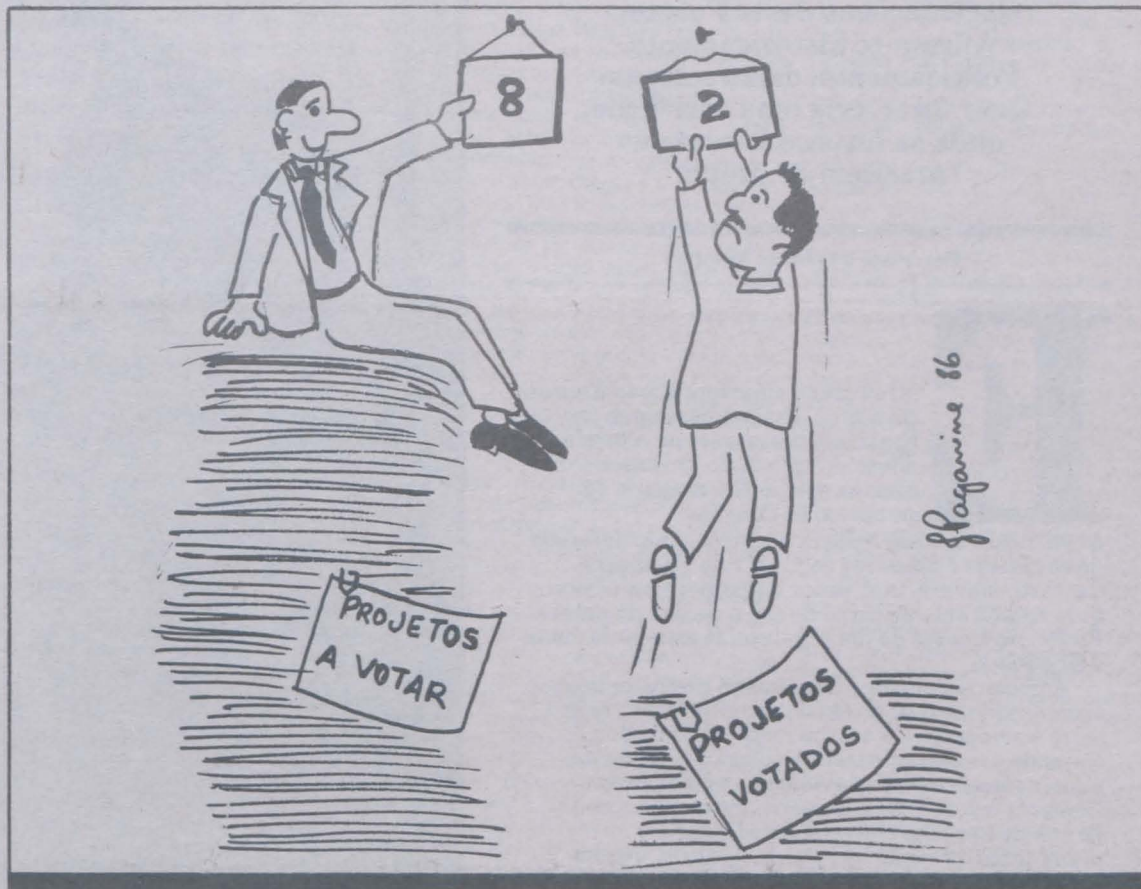
Em princípio, pode aparentar que a Comissão nada produziu até o momento, já que num total de 10 comitês, apenas dois foram aprovados e até agora, foram realizadas sete reuniões plenárias. O trabalho dos membros, por outro lado, não vem se limitando a discussões e reuniões apenas. Os conselheiros estão estudando todas as propostas que são enviadas à Comissão e selecionando aquelas de caráter constitucional. Até o momento, a Comissão recebeu mais de 14 mil cartas e telefonemas diários apresentando as mais diversas contribuições.

O tema que vem recebendo o maior número de contribuições diz respeito ao papel das Forças Armadas. Cartas e mais cartas chegam à Comissão pedindo para que o poder das Forças Armadas seja limitado para evitar novos golpes. Outra contribuição muito frequente é que "na constituição seja condenada toda e qualquer discriminação". Direito de greve para funcionários públicos, inclusive; justiça para o pobre; salários real, e até mesmo, que ocupantes de cargos públicos façam declarações públicas de seus bens, antes e depois da ocupação, integram o elenco de sugestões.

Os comitês de Ordem Econômica, Direitos do Cidadão e da Ordem Social, também recebem muitas contribuições. Um fato curioso é que até o momento nenhuma universidade, enquanto instituição, enviou qualquer sugestão. Em contraste, as crianças querem participar e enviam sugestões reivindicando o direito de se elegerem deputadas.

A Comissão Provisória de Estudos Constitucionais foi subdividida em 10 Comitês: 1 — Princípios Fundamentais da Ordem Constitucional, Organização Internacional e Declaração de Direitos; 2 — Federação e Organização Tributária; 3 — Poder Legislativo e Organização Partidária; 4 — Poder Executivo; 5 — Poder Judiciário e Ministério Público; 6 — Educação, Cultura e Comunicação; 7 — Condições Ambientais, Saúde, Ciência e Tecnologia; 8 — Ordem Econômica; 9 — Ordem Social; 10 — Defesa do Estado, da Sociedade Civil e das Instituições Democráticas.

Notáveis entram em ritmo final



Documento progressista

DENISE ROTTENBURG

"O documento proposto pela Comissão será o mais progressista possível, dentro das limitações de uma economia capitalista subdesenvolvida, estará mais além do que a próxima Constituinte fará e aquele do que o povo deseja". Assim, o Reitor da UnB, Prof. Cristovam Buarque, definiu o trabalho desenvolvido pela Comissão Provisória de Estudos Constitucionais, que, no mês de agosto, deverá apresentar a redação final dos temas ligados às áreas de economia, condições ambientais, ciência e tecnologia, educação e comunicação.

Na última quinzena de maio, a Comissão aprovou as propostas do Comitê de Ordem Econômica. Dentre os principais itens, o fundamental, que atinge a todos os tópicos debatidos em Plenário, é o aumento do poder do Congresso sobre o Executivo: o Governo não poderá criar empresas estatais sem a aprovação do legislativo. Não poderá, ainda, decretar monopólios sem que haja apreciação e votação por parte do Congresso Nacional. Este tópico, mantém apenas o direito do Estado sobre o subsolo, ou seja, a proposta não se aplica ao petróleo.

Quanto à reforma agrária, o es-

tudo apresentado pela Comissão permite desapropriações de latifúndios e minifúndios. Segundo Cristovam Buarque, nesse aspecto a proposta determina, ainda, que a propriedade rural tem que estar condicionada ao interesse social.

No que se refere a condições ambientais, ciência e tecnologia, educação e comunicação, outros dois Comitês dos quais Cristovam Buarque faz parte, as propostas ainda serão discutidas. "Estaremos reunidos, permanentemente, durante quinze dias para finalizarmos as discussões e passarmos à redação do texto final", explicou Cristovam Buarque.

Trabalho doméstico reconhecido

LILIAN FONSECA

O trabalho da dona-de-casa e do empregado doméstico poderão ser considerados atividades econômicas na próxima Constituição. Pelo menos já consta no relatório da ordem econômica votado pela Comissão de Estudos Constitucionais. Essa proposta, dependerá, é claro, da aprovação pela Assembleia Nacional Constituinte a ser instalada em 1987.

Para a comissão, o raciocínio que justifica essa proposta é que o artesanato, a costura, o queijo, o doce produzidos no lar têm influência na economia da família, logo, para toda a sociedade. Ficou estabelecido ainda que a participação do Estado na economia deverá ser complementar e reguladora. "Isso é importante, na medida que inibe a iniciativa privada, evitando a desnacionalização da economia", afirmou José Francisco da Silva, presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura e membro da comissão. O Estado deverá, tam-

bém, criar condições para a implantação do cooperativismo e associativismo.

Ainda no relatório da ordem econômica, consta a proposta de que as Empresas Rurais possam ser desapropriadas, quando não desenvolverem sua função social. Ou seja, a terra não poderá ser mantida para fim especulativo e os direitos dos trabalhadores e o Código Florestal devem ser respeitados. A desapropriação da Empresa Rural será paga em dinheiro e o latifúndio através de títulos da dívida agrária (DDA). O relatório, segundo o presidente da Contag, não aprofunda a questão da reforma agrária, mas espera-se que a redistribuição das terras venha como resultado da desapropriação punitiva.

O outro relatório aprovado pela Comissão Constituinte foi o da defesa do Estado e da sociedade civil. A novidade fica por conta da criação do Estado de Alarma. A atual Constituição assegura que em

momentos de conflito interno como greves, eleições ou golpes, por exemplo, o Estado e a sociedade podem sofrer a decretação de medidas que alterem seus direitos. O Estado de Alarma será mais uma medida aplicada nesses momentos de conflito interno. No entanto, o Presidente da República não poderá decretá-lo sem aprovação do Congresso Nacional. A imprensa não sofrerá censura e os lares serão invioláveis. Por outro lado, o Estado de Sítio poderá ser aplicado quando houver conflito externo.

O documento da defesa do Estado e da sociedade civil propõe a extinção das polícias civil e militar e a formação de uma nova polícia.

José Francisco da Silva entende que a "Constituição determina princípios básicos, cabendo a lei ordinária aperfeiçoá-los."

O prazo para os trabalhos da comissão termina dia 3 de julho, quando oito relatórios precisam ser discutidos e votados nas sessões plenárias.

Se eu tivesse de dar um palpite qualquer à juventude, eu diria: olha, engaja-te politicamente. Luta para mudar as estruturas deste País. Luta para acabar com a mortandade por causa de um pedaço de terra. Enfrenta o relacionarismo deste País teu. Afirma-te historicamente. Politicamente, deixa a droga. Quer dizer, cria uma sociedade onde os futuros jovens não precisem de droga.

Entrevista a Fabrício Marques

Entrevistar o educador Paulo Freire em sua curtíssima passagem por Brasília prometia ser uma tarefa difícil. A agenda do professor estava repleta. Ele chegaria ao aeroporto de Brasília às 9h30 do dia 30 de maio e cumpriria uma maratona de encontros e palestras na UnB e na Faculdade Católica. Haveria uma única pausa para um almoço num restaurante de carne de sol, a pedido do próprio Freire. Na manhã do dia seguinte, já estaria de volta a São Paulo.

A oportunidade de entrevistar o professor acabou acontecendo dentro do Opala da reitoria, no trajeto entre o aeroporto e a universidade. O educador, trajando um elegante terno e calçando um par de tênis, sentou-se confortavelmente no banco da frente. O repórter do **Campus** e três estudantes do Grupo de Estudos Universitários, o GEU, promotores da vinda de Freire a Brasília, vieram como sardinhas em lata no banco de trás.

Apesar de o voo do professor ter atrasado quase uma hora e de o pessoal da reitoria estar tomando um chá de cadeira à espera de Freire, combinou-se com o motorista da Reitoria que o caminho de volta deveria ser o mais lento possível, para a entrevista não ficar muito curta. E isso foi feito. Ao final, a conversa com o professor teria durado quase meia hora. A velocidade média desenvolvida pelo Opala foi de 40 quilômetros horários.

Paulo Freire não fugiu de nenhuma pergunta. Falou sobre Constituinte, Nova República, Universidade de Brasília, drogas, sexo, rock'n roll e até sobre educação.

Os sinceros agradecimentos do **Campus** ao pessoal do GEU, que enriqueceu a entrevista com suas intervenções e ajudou a segurar o gravador, e ao motorista da reitoria, Valdemir, sem cuja lentidão ao dirigir esta entrevista não seria possível (pelo menos deste tamanho).

Fotos de Margarete Vitória



O B

Campus — Nos debates promovidos em todo o País pelo MEC no ano passado sobre educação, a população fez uma clara opção pelo ensino tradicional e conservador, rejeitando a educação moderna. Na sua opinião, por que isso aconteceu?

Paulo Freire — Olha, eu tenho a impressão de que você deveria perguntar à população, que decidiu assim, que optou assim... É claro, eu estou fazendo uma brincadeira. Eu não estava a par deste tipo de resposta. Eu não cheguei a ver o relatório final disto. Mas não me estranha muito, entende? Mas em todo o caso, a impressão que eu tenho é que a gente deveria tentar compreender também melhor a resposta. É possível, por exemplo, que a grande maioria que expressou sua opinião com relação à escola, com relação ao trabalho escolar de que seus filhos participam, e bem possível que esta maioria tenha reivindicado, o que é importante, que seus filhos estudem, que seus filhos aprendam. É bem possível que tenham exigido que o exercício de ensinar se fizesse de forma categorica, com exigências, etc. O que é legítimo, quer dizer, eu acho que a escola, entre outras coisas, existe para ensinar. O professor que não ensina não se explica enquanto professor. É possível também que ao fazer esta exigência, eu estou te dizendo que não li o documento, a grande maioria que participou destas discussões pelo Brasil a fora tenha inclusive colocado ou enfatizado certos procedimentos mais tradicionais do que abertos, do que democráticos. Esta é uma hipótese de explicação. Há outra também. É que nós somos uma sociedade de tradição fortemente autoritária. O autoritarismo na sociedade brasileira corta inclusive as classes sociais. De maneira que a mim não me espanta, por exemplo, que pessoas, que pais e professores se afirmem numa posição mais autoritária que democrática ao discutir o problema do ensino e da aprendizagem. Eu não sei se assim eu respondo à indagação, mas é como eu vejo de forma um pouco rápida, numa entrevista dentro de um carro.

Campus — Com relação ao estudante universitário, fala-se muito que ele deixou de se preocupar com uma formação de fato e busca apenas o título universitário, o diploma. Na sua análise, por que se chegou a essa situação e o que fazer para reverter-la?

Paulo Freire — Olha, eu não teria assim uma explicação. Eu acho que qualquer tentativa de resposta a uma pergunta como esta implica uma análise bem mais ampla do contexto brasileiro de alguns anos para cá. De qualquer maneira, diante de um fato como este, mesmo que eu não tenha uma explicação possível pra te dar, eu acho que como educador a minha tarefa seria problematizar o jovem com quem eu trabalhasse no sentido de que ele assumisse de forma bem mais crítica a sua passagem pela Universidade. Inclusive é muito ingênuo pensar que passando pela Universidade apenas para obter o título seja algo que funcione de forma eficiente e eficaz para ele mesmo. Porque depois, na sua luta fora da universidade para se afirmar profissionalmente, ou ele vai superar o tempo em que ele passou de qualquer maneira pela universidade ou ele não se afirma profissionalmente. Eu estou muito mais interessado em discutir, por exemplo, um certo "o que fazer" como professor diante dos jovens que por n razões se orientam num sentido menos crítico, de como fazer para desafiá-los.

Campus — Professor, depois de 64, as suas idéias foram proscrias da educação oficial do Brasil. Com a implantação deste governo que está aí, o senhor de certa forma passou a ser reverenciado pelas próprias autoridades. Como o sr. se sente em relação a isto?

Paulo Freire — Eu te diria... qual foi mesmo a palavra que você usou?

Campus — ...reverenciado...

Paulo Freire — Eu te diria que não é tanto reverenciado. Eu te diria que o ministro Marco Maciel, assim que as-

PAULO FREIRE

sumiu o ministério, na verdade me convidou para ter uma conversa com ele. Eu não via por que não aceitar o convite do ministro. Eu sabia que o convite do ministro não era um convite pedagógico, era um convite político. Eu sabia que o ministro não estava interessado em discutir comigo teorias de educação. O ministro estava dando uma jogada política e eu também aceitei politicamente, quer dizer, quando eu aceitei, eu sabia que politicamente eu não podia deixar de aceitar. Agora, é claro que, ao vir conversar com o ministro, de um lado eu não esperava que o ministro tivesse nenhum oferecimento a me fazer, de outro eu não aceitava nenhum oferecimento se fosse feito. Terceiro, eu estava muito em paz com o convite, mas eu achava também que uma das dimensões políticas do convite tinha que ver exatamente com todo um tempo em que tive meu nome proibido neste País, em que passei 16 anos sem poder vir aqui. E pela primeira vez depois de voltar ao País, depois de 20 anos, eu reentrei no Ministério da Educação. Eu entendia aquilo como um gesto político, de uma boa política. E como se a chamada República Nova ou Nova República dissesse: "Olha professor, no mínimo a gente respeita o sr." Então não havia porque nem pedir nem esperar mais, nem recusar isto também.

Campus — Professor, como membro do Conselho Diretor da Fundação Universidade de Brasília, como o Sr. está vendo a administração do Reitor Cristovam Buarque?

Paulo Freire — Olha, eu te confesso: lamentavelmente eu não tenho tido a assiduidade e isso me preocupa muito. Eu já conversei inclusive com o reitor e com a secretária do reitor dando hipóteses de minha disponibilidade de vir a Brasília. Na verdade, eu não aceitaria ficar no Conselho se eu não pudesse estar vindo com mais assiduidade a Brasília. Mas a impressão que eu tenho é muito boa, entende? Eu discuti, eu par-

o sexo, nada contra o sexo. Pelo contrário, se não fosse o sexo, tu não estavas me fazendo estas perguntas. (risos).

GEU... se não fosse o amor...

Paulo Freire — E claro, mas o amor está carregado de sexo. O amor não se esgota no sexo, passa por ele. Agora, com relação à droga, eu acho que você não tem uma resposta definitiva. Eu acho que a droga não existe por acaso, entende? Quer dizer, há interesses econômicos, há todo um processo de alienação. Às vezes, há uma espécie de demissão que a juventude, em certas sociedades como a brasileira, uma espécie de demissão da história, em que o jovem de certa forma se afoga não apenas na droga, mas em outras formas de fuga. Eu não sacudo pedra na juventude, mas também não estimularia a juventude a que se drogasse. De jeito nenhum. Se eu tivesse de dar um palpite qualquer à juventude, eu diria: "Olha, engaja-te politicamente. Luta para mudar as estruturas deste País. Luta para acabar com a mortandade por causa de um pedaço de terra. Enfrenta o reacionarismo deste País teu. Afirma-te historicamente. Politicamente, deixa a droga. Quer dizer, cria uma sociedade onde os futuros jovens não precisem de droga". Eu acho que em nenhuma sociedade revolucionária esse fenômeno existe. É assim que eu vejo. De forma não simplista, mas simples.

Campus — Com relação à União Nacional dos Estudantes, qual o Sr. acha que vai ser o futuro desta entidade diante da desmobilização dos estudantes e da falta de representatividade das diretorias dos últimos tempos?

Paulo Freire — Olha, eu não quero fugir de maneira nenhuma às tuas perguntas. Mas é até bom isto, que o jovem leia o jornal dos jovens e diga: olha, o Paulo Freire até que não sabe responder algumas das perguntas da gente. É bom para saber que eu sou profundamente limitado também. Olha, eu acho o

Particularmente, eu te digo que, apesar de me achar um velho novo, um velho sempre ficando moço, eu não gosto do rock. Mas aí é uma questão de gosto, é estético. Agora, eu não tenho nada contra o sexo. Pelo contrário, se não fosse o sexo, tu não estavas aí me fazendo estas perguntas.

seguinte, rapaz: a UNE está vivendo uma experiência hoje que não é a experiência de 25 anos atrás, em que o presidente da UNE chegava a Brasília com força de ministro, em que um presidente da UNE dava uma entrevista no jornal e abalava a política brasileira. Isso não ocorre agora não. Não é por incompetência da juventude, é que o processo histórico é outro. Agora, se você me pergunta se isso vai continuar assim ou se muda, eu relamente não sei te dizer.

Campus — O Sr. acredita em Con-
stituinte?

Paulo Freire — Acredita como?
Campus — O Sr. acredita que de fato
ela vá mudar alguma coisa?

Paulo Freire — Olha, a gente tem que ser muito realista diante disto. A Constituinte é fundamental, primeira constatação que você tem que fazer. É uma coisa óbvia, meio cassiana. Constituinte hoje é uma coisa importante, realmente necessária. Agora, segundo, nós estamos dentro de uma sociedade

burguesa e capitalista, de classe, em que o poder dominante é o poder dominante, é o poder da classe dominante. Ora, evidentemente que a classe dominante desse País não vai ficar de maneira nenhuma de braços cruzados porque ela tem a sua tarefa que é a de defender os seus interesses de classe. Então ela não vai ficar de braços cruzados, achando bonitinho que as classes populares se arregimentem pra ver se conseguem chegar a Constituinte, porque elas, classe dominante, sabem que a Constituinte é importante porque ela vai definir as linhas políticas deste País. Ora, é claro então que a classe dominante vai se lançar de rijo, esta se lançando de rijo, seria uma inocência tremenda pensar que não, para ganhar uma maioria esmagadora dentro da Constituinte, no sentido de formar, de criar, de inventar uma constituição que continue respaldando os seus interesses em choque com os interesses populares. Ora pensar que a classe dominante vai eleger a classe trabalhadora e de uma ingenuidade extraordinária, é angelical. Qual é o papel então nosso? O que a gente tem historicamente é isto aí, é isto que está aí, quer dizer, isso é o possível de hoje. É brigar para fazer uma constituinte, para trazer para a constituinte o máximo que a gente possa de gente progressista, de gente aberta, de gente crítica, de gente séria, que se engaje num processo diferente do que a gente vem tendo no Brasil. Ora, isso é uma esperança, mas é uma esperança que tem que ser vivida por nós, quer dizer, a gente tem que brigar, a gente tem que lutar para eleger melhor e para desafiar as massas populares no sentido de elegerem melhor também. E quando eu digo eleger melhor, não é no sentido intelectual apenas, é eleger do ponto de vista político, ideológico, é fazer a opção por um País diferente.

GEU — Por que o Sr. não se candidata à Constituinte?

Paulo Freire — Fazendo uma defesa tão energética como eu estou fazendo agora, até que da para você me fazer esta pergunta e eu te respondo da seguinte forma: eu sou na verdade um político, porque sou um pedagogo, porque sou um educador. O Lula, por exemplo, é um educador porque é um político. Com isso eu quero dizer é que há uma preponderância em mim, não uma exclusividade, do educador. Eu me vejo fazendo política 24 horas por dia. Eu

acho que agora, neste carro, estou fazendo política ao dar esta entrevista. Eu estou fazendo política desde que entrei no carro. Agora, eu não me vejo, porém, como competente, e a competência aqui não é só intelectual, é emocional, uma certa competência emocional que a gente tem que criar pra ser bom político, equilibrado. Quer dizer, eu não me vejo muito competente pra estar em Brasília como deputado. Então eu devo fazer o juízo de mim mesmo, a minha avaliação, e é isso que eu fiz e que eu disse ao partido ao qual eu pertenço, que é o PT, que ele tem que respeitar as limitações dos seus militantes, na medida em que somos um partido novo, um partido diferente. Então, peçam a mim, exijam de mim a tarefa que eu possa fazer com maior eficiência e vamos exigir de outros a tarefa em que os outros possam ser mais eficientes. O que faço é lutar para apoiar um ou outro candidato do PT para a constituinte em quem eu acredito. Eu não entro como candidato porque eu prefiro me reservar esse outro tipo de política ou esse espaço político que eu uso e eu acho que uso relativamente bem.

GEU — Mas professor, o Sr. se candidatando à constituinte, o Sr. há de convir que a certeza de resposta social é muito mais rápida, porque o Sr. usaria de um instrumento altamente eficiente pelo menos a nível de momento para o Sr. disseminar suas idéias e o que o sr. acredita.

Paulo Freire — Olha, eu não te digo que eu fosse inútil na Constituinte ou no Congresso. Eu acho que se eu disser isto é uma falta de modestia que é pior que a imodestia. Não, não é isso. Eu acho que eu seria útil, mas eu acho que tem gente mais útil do que eu a esse nível, como eu acho que sou mais útil que outras gentes no que eu faço. Então eu prefiro fazer a coisa mais eficiente noutro lugar. Eu acho lindo isso, eu acho muito bonito o trabalho, mas não é exatamente aquele para o qual eu esteja me sentindo mais indicado.

Campus — O Sr. foi escolhido patrono da turma de formandos da UnB neste semestre. Como o Sr. se sente em relação a este tipo de convite?

Paulo Freire — E eu já soube disto?

GEU — Está sabendo agora.

Paulo Freire — Olha, eu digo a vocês o seguinte: desde que eu cheguei do exílio, eu já fui patrono ou paraninfo em universidades brasileiras de aproximadamente 80 turmas diferentes, que vão desde Engenharia, passando por Biologia, por Química, por Agronomia, por Medicina, por Direito e, às vezes, por Educação. Até chegando a Educação também. De modo geral, toda a vez que eu sou convidado, eu aceito isso como uma homenagem que a mocidade me presta, me faz. Como um ato político também. E aceito com humildade esta homenagem, sempre vou. Eu só não vou quando coincide que eu já estou com outro convite que me foi feito antes e quando os estudantes não podem alterar o seu esquema de trabalho. Você me pergunta como é que vejo isso. Eu repito, eu vejo isso como um desafio maior pra mim. Eu confesso a vocês, e vocês têm ate o direito de não acreditar, e eu não ficaria triste, de beicinho. Apenas eu diria a vocês: podem acreditar. Esses convites não me fazem vaidoso, mas me fazem mais responsabilizado. Eu me sinto muito mais responsável diante da juventude que da essa demonstração de que confia em mim. Então é assim que eu vejo, eu fico muito feliz com isso. Tenho, recebo de um modo geral sempre ou um convite, ou uma plaquinha. Eu tenho em minha biblioteca um espaço só pra isso, cheio lá de plaquinhas, de convites tudo guardadinho e às vezes minhas netas vêem aquilo e pegam pra brincar e eu digo: De jeito nenhum, podem brincar com os livros, mas não podem brincar com isso. Aquilo é um pouco de mim mesmo, é um pouco da minha historia, e essa presença de jovem em mim, em torno de mim, e o seu chamamento. É assim que eu vejo isto.

E ingênuo pensar que passando pela Universidade apenas para conseguir o diploma seja algo que funcione. Porque depois, ou o estudante vai superar o tempo em que ele passou de qualquer maneira pela universidade, ou ele não se afirma profissionalmente.

ticipei de uma reunião do Conselho em que passamos todo o tempo de trabalho discutindo, na verdade, política universitária e não apenas questões administrativas, que são importantes, mas não para serem debatidas a nível de Conselho. A impressão que eu tenho é boa e se eu não tivesse uma impressão boa da maneira como o reitor enfrente a problemática universitária, eu largaria o Conselho e não tinha por que não largar.

Campus — Falando agora em jovem, o que o Sr. acha do trimônio drogas, sexo e rock.n roll?

Paulo Freire — Puxa, eu acho que isso não deve interessar somente aos jovens. Isso é uma problemática que está sendo, porém, muito vivida pela gente jovem. A minha geração teve outros três... Como é que você disse?

Campus — Trinômio...
Paulo Freire — Teve outros tri-
pes deste também. deve ter tido.
Eu acho que não há geração
que não experimente algo ou que
gire em torno de alguma coisa. Particularmente, eu te digo, que, apesar de
me achar um velho novo, um velho sempre
ficando moço, eu não gosto do rock.
Mas aí é uma questão de gosto, é estético. Agora, eu não tenho nada contra



Águas Emendadas

A 40 quilômetros do Plano Piloto um paraíso ecológico está ameaçado de extinção.

FOTOS: Nathalia Kneipp



O encontro das águas é apenas um mangue. No entanto, a reserva biológica de Águas Emendadas é um importantíssimo ecossistema, onde muitas espécies em extinção estão preservadas.



SHIRLENE COSTA

A 40 quilômetros de Brasília, na estrada que vai para Planaltina, a Reserva Biológica de Águas Emendadas oferece a seus visitantes, um fenômeno raro na natureza, o encontro das águas das Bacias Platina e Amazônica, as duas maiores da América Latina. Este é o único ponto onde as bacias se entrelaçam, servindo de contato direto entre a fauna e a flora.

"Este lugar está há mais de 15 anos preservado. Não ocorrem incêndios; a vegetação é típica da região dos cerrados". Assim, Leonel Garcia, biólogo da Fundação Zoobotânica e coordenador do grupo que luta pela preservação da reserva, começa a descrever a importância da área: "a perenidade dos rios do Planalto Central é garantida pelas chapadas, reservatórios de águas subterrâneas, aqui existentes, onde a chuva acumula e desce para os rios que correm em terreno acidentado e impermeável". Segundo ele, não se pode trabalhar a terra das chapadas, porque diminuirá sua capacidade de retenção de água. "A reserva é uma das principais nascentes do rio São Bartomeu, importantíssimo para o abastecimento da região. A partir de 1990, ela garantirá a água que a população de Brasília vai beber,

além de ser um extraordinário fenômeno hidrográfico".

A preservação, durante esses anos, fez da reserva um local para refúgio de animais, que devido ao seu tamanho e raridade, estão ameaçados na maioria das áreas do Distrito Federal. A onça, lobo guará, cachorro do mato, vários tipos de macaco, inclusive o macaco prego, anta, capivara, cutia, quati, estão conseguindo se reproduzir. Até dois tipos diferentes de jacaré foram constatados na região, além de pacas, ema e a águia cinzenta. Não existe, ainda, um inventário completo das espécies.

Bráulio Dias, integrante do grupo, ressalta a importância da flora: "Aqui são encontradas 1500 espécies de plantas superiores, que produzem flor, inclusive as orquídeas. Há muitas plantas raras, e mesmo as que não são, têm a sua preservação garantida".

Águas Emendadas possui um grande potencial econômico para ser explorado a médio e longo prazo, sendo um excelente campo para a pesquisa genética. "Garantindo a preservação desse patrimônio genético, em áreas naturais, teremos a possibilidade de no futuro fazermos uma série de melhoramentos. Se esse potencial for perdido, ficaremos limitados com as poucas espécies e qualidade já produzidas", conta Bráulio.

GDF pode salvar área

Criada por Decreto Presidencial em 1968, a reserva biológica de Águas Emendadas conhece hoje a maior ameaça de sua existência. Da área de 10.500 hectares prevista para servir de reserva ecológica, até agora somente 3.850 hectares, ou cerca de 1/3 da área total, foi desapropriada pelo Governo do Distrito Federal. O prazo para desapropriação dos 2/3 restantes da reserva expira no dia 3 de julho próximo, e os loteamentos que vêm se formando na área a ser desapropriada constituem sério perigo à fauna e flora da nossa região, que tem em Águas Emendadas um dos últimos locais de preservação de muitas espécies animais e vegetais.

Apesar da criação da reserva em 1968, o decreto de desapropriação só foi baixado em 1981. Esse decreto estabelecia em cinco anos o prazo para que toda a área de 10.500 hectares fosse transformada em reserva biológica. Com a aproximação da data de expiração do decreto, a Terracap — o órgão do GDF responsável pela desapropriação — já concluiu os trabalhos de levantamento, mas não

possui os recursos suficientes, calculados em 100 milhões de cruzados, para entrar com as ações desapropriatórias.

O governador José Aparecido prometeu à COAMA — Coordenadoria para Assuntos de Meio Ambiente — a liberação dos recursos. O professor da UnB e integrante do grupo de luta pela preservação de Águas Emendadas, Bráulio Dias, explica a importância da aplicação desses recursos: "Só para tapar aquele buraco na Ceilândia, o Governo vai gastar mais de 70 milhões de cruzados. Com mais um pouquinho, ele desapropriaria essa área". Esse grupo acredita que o Governo vai cumprir a promessa e lembra que uma das metas do Governo José Aparecido é aumentar o coeficiente de áreas naturais preservadas para 15%. O professor Bráulio justifica o otimismo: "No início desse governo, este índice era de apenas 5%. Com a criação em 21 de abril último da área de proteção ambiental de Cabeça do Veado, que vai desde o Catetinho até a Escola Fazendária, o índice se elevou para 9%. E só com a preservação de Águas Emendadas, o objetivo dos 15% será atingido".



NATHALIA KNEIPP

A paisagem viva do cerrado

Heloisa Helena

Há quem diga que 10.500 hectares de terras para uma reserva ecológica é muita coisa. Mas é certo que toda a pessoa que tem o privilégio de visitar a reserva de Águas Emendadas (afinal, a entrada de pessoas não envolvidas no movimento só é permitida com a autorização da Fundação Zoobotânica), acaba por se empenhar na luta por sua preservação. É difícil acreditar que a 30 minutos do Plano Piloto exista um local tão belo e, é claro, tão importante para a ecologia de Brasília. Logo na entrada, apesar do portão sempre bem trancado a natureza nos acena. Ali, bem junto à cerca, sempre estão duas emas, que esticam seus não pequenos pescoços, parecendo querer ver bem os visitantes que esperam para entrar.

Águas Emendadas tem uma beleza que é, ao mesmo tempo, simples e grandiosa. Simples, porque o que se vê por quilômetros é a vegetação típica do cerrado, a qual já estamos acostumados. Porém grandiosa, porque olhando mais de perto e ouvindo os biólogos explicarem a razão de ser de cada planta, se descobre a verdadeira beleza do cerrado. Uma paisagem considerada por muitos, pobre e triste. Sou mesmo obrigada a confessar que a equipe do **Campus** sentiu um tanto de inveja e decepção nesta visita. Inveja, da equipe de jornalistas da EBN que poucos dias antes, em visita à reserva, pôde ver e fotografar a poucos metros a quase extinta águia cinzenta (que possui 1,30 metros de envergadura nas asas), o que nós só conseguimos avistar de longe e por alguns minutos. Decepção, porque ao se falar que na reserva há o encontro de águas das duas maiores bacias da América Latina, se imagina um espetáculo de água em abundância, quando o que na realidade acontece é que este entrelaçamento se faz por debaixo de uma intensa vegetação, formando um mangue. Mas isso, não diminuiu a nossa emoção em andar pela mata e poder ver bem de perto, cutias, araras, emas, carcarás, tucanos, a águia cinzenta e até pegadas do lobo Guará.

Por fim, não podemos deixar de concordar com o verso de Castro Alves, escrito na placa que marca o encontro das águas: "É tão bom ter por árvores uns carinhos! É tão bom de afectos fazer ninhos!"

Águas Emendadas

O entrelaçamento das duas maiores bacias da América Latina.



Lotes ameaçam reserva

Guilherme Evelin

O crescente número de loteamentos que se instalam na área destinada à reserva de Águas Emendadas é o mais grave risco à preservação dos animais e da vegetação do local. Mesmo após o decreto de desapropriação, numa área da reserva em frente a Planaltina, foram feitos três loteamentos, com uma centena de pequenos proprietários.

Leonel Garcia garante que não adianta só preservar a área da reserva. Ele defende a criação de uma área também em torno de Águas Emendadas, que assegure o controle das atividades exercidas nos loteamentos: "Se, logo depois da cerca da reserva, você plantar soja ou arroz, você irá atrair os bichos, já que ali a comida será farta e fácil. Os fazendeiros irão, certamente, matá-los".

Outro risco provocado pelos loteamentos é a possibilidade de poluição da água e erosão do solo. As fossas, bem como os defensivos agrícolas usados nas plantações, poderão causar envenenamento dos lençóis freáticos. E a erosão poderá ser causada pelos muitos poços artesianos furados na área. Eles diminuirão o acúmulo de água no subsolo, acarretando uma impermeabilização da terra, que fatalmente implicará o desgaste e erosão do solo.



Um deserto monumental

Heloisa Helena

"O Governo do Distrito Federal é cheio de contradições, é autoritário e por vezes até meio maluco, mas está empenhado em preservar esta área". Com esta frase Tetê Catalão, jornalista, poeta e um dos integrantes do grupo de luta pela preservação da reserva de Águas Emendadas, exprime sua confiança na promessa feita pelo Governador José Aparecido de custear a desapropriação da reserva. Tetê explica que adotou esta bandeira desde a primeira vez que visitou Águas Emendadas e se define como um porta voz do movimento de preservação.

Para quem fica surpreso com a presença de Tetê neste grupo, ele explica que a luta ecológica é uma constante em sua vida. Ainda no Maranhão, ele criou a primeira secretaria de ecologia e recursos naturais, lutando contra os abusos cometidos em Carajás e também contra os causados pela ALCOOA no porto de São Luís. Na Fundação Cultural do DF ele está à frente do núcleo do Meio Ambiente criado na administração de Luis Humberto. Ele foi, também, um dos manifestantes mais ativos na luta contra a construção da Usina Nuclear de Angra dos Reis, tendo inclusive criado a frase que hoje é usada em manifestações internacionais: "Hoje ativo, para amanhã não ser radioativo".

Tetê alerta para o fato de certos ecologistas terem uma mentalidade colonialista. Diz Tetê: "A frase predileta deste tipo de ecologista é Não mexam na Amazônia, ela é do pulmão do mundo. Ora, isso não tem razão de ser. O ecologista que é certo sabe que há maneiras de explorar racionalmente a natureza, e é assim que o grupo que luta pela preservação de Águas Emendadas pensa. Se esta reserva não for preservada, Brasília corre o risco de se tornar um deserto monumental. Isto não é um prognóstico alarmista, é uma realidade". Ele anuncia que o grupo vai partir, agora, para uma conscientização nacional da necessidade de se preservar esta área. Já está sendo programada uma manifestação com a presença de Bruna Lombardi, Gilberto Gil e talvez, até, Tom Jobim, em breve.

Para finalizar, Tetê nos convida a pensar melhor sobre o problema: "Nós temos que abstrair um pouco da situação internacional. É claro, que existem os misseis, o risco de uma guerra nuclear, certas Nicarágua, Kiev, a Líbia, mas temos que olhar também, e principalmente para o que ocorre aqui nos nossos jardins. A violência da reforma agrária e o risco de morte de um patrimônio nacional como é Águas Emendadas". Agora, só nos resta esperar e torcer para que este não seja mais um dos projetos inacabados deste governo.

STRIP SHOWS



Cine Ritz

"A Fêmea da Praia" e

"Gemido Erótico"

Nos intervalos — Strip Tease

Censura 18 anos

FOTO: KÁTIA TURRA

FABIO GUIMARAES

Veja um bom filme e, nos intervalos das sessões, strip-tease ao vivo. Diariamente com as mais lindas garotas. Essa chamada, juntamente com alguns cartazes de filmes pornográficos, serve para atrair o público para a mais nova casa de cinema inaugurada há apenas dois meses no Setor de Diversões Sul — o Cine Ritz.

Valdivino, um dos proprietários do cinema, acha que até agora o negócio está dando certo e pretende melhorar cada vez mais. "Vamos mudar o show todas as semanas, juntamente com a fita. Vamos mudar a trilha sonora, o vestuário e até mesmo a maneira das meninas entrarem no palco". Atualmente a média de renda por dia do cinema é de 4 a 5 mil, só caindo um pouco nos finais de semana. Outro que não tem nada a reclamar é o comerciante, Ari dono de uma lanchonete em frente ao Cine Ritz. Segundo, ele, a sua freguesia aumentou em cerca de trinta por cento devido ao movimento que o novo cinema trouxe. Na opinião do comerciante, este novo tipo de promoção, um filme mais a apresentação de um strip-tease ao vivo, apenas retrata o desejo das pessoas. "Todo mundo queria fazer strip-tease. Todo mundo queria fazer o que realmente gosta".

Perto dali, existe também uma livreria de artigos religiosos. Djalma, assistente de vendas da loja, vê o espetáculo como uma forma dos indivíduos extravasarem os seus sentimentos, mas que se pudesse ele faria um trabalho de recuperação, colocando uma literatura cristã na saída do cinema para que os espetáculos ficassem a par "do perigo que representa este tipo de coisa, que não leva a nada, a não ser, a um incentivo maior para a prática de abusos e depravação sexual".

Mas quem são estes espectadores? Geralmente são soldados, estudantes e funcionários públicos que trabalham ali por perto. É o caso de Ananias, de aproximadamente 30 anos, e que por duas vezes na semana frequenta o cinema. Ele trabalha no Setor de Diversões e na hora do almoço pega um cineminha, para às 14 horas estar de volta ao serviço. Já o estudante Ari diz gostar mais dos filmes que são apresentados do que propriamente do strip-tease, pois segundo ele, "não vai

Tyara, uma das artistas que, diariamente, a partir do meio-dia, animam o Setor de Diversões Sul, na pitoresca programação do Cine Ritz, o primeiro cinema de Brasília com dublagem e strip-tease no intervalo das sessões

ser nenhuma Sandra Bréa que vai se apresentar por lá e sim uma canhãoza braba". Mesmo assim, admitiu que era a terceira vez que frequentava o lugar. Mas não são todos que se mostram abertos para a discussão do assunto. Um senhor de aproximadamente 35 anos e que se identificou como José da Silva, ao ser perguntado sobre o que achava da combinação de um filme erótico com um strip-tease ao vivo, respondeu que desconhecia aquele ritual no local e subiu rapidamente as escadas para assistir ao filme que já tinha começado.

Seja como for, o Cine Ritz, abre mais um espaço de lazer para os amantes dos filmes e espetáculos eróticos. Até agora a fórmula está dando certo e não há motivos, pelo menos até o momento, para preocupação. E quem está certo disso é o Valdivino que avisa: "O pessoal está vindo, está frequentando e está gostando".

As Cinderelas do Cine Ritz

KÁTIA TURRA E
PAULO FORTES

Sexta-feira, 13 horas. Uma plateia atenta, de mais ou menos 100 pessoas, na sua maioria homens, aguarda o início do strip-tease, que acontece, todos os dias, entre um filme erótico e outro. Mas enquanto não começava o espetáculo, o Campus conversou com duas dançarinas que participam do show.

Ana Lúcia Arraes, nome artístico Kelly Arraes, é uma maranhense de 25 anos, que há nove meses mora em Brasília. Com uma experiência anterior em teatro, no Galpãozinho de Sobradinho, Kelly está trabalhando no Ritz há apenas um mês. Para ela estar no palco faz com que se sinta como uma deusa. "Eu me acho a mais bela das mulheres. A vibração da plateia dá muita força e coragem pra gente continuar", acrescenta.

Kelly não acha o strip-tease pornográfico. Com muita convicção, diz que a pornografia está na cabeça do ser humano, e não no seu corpo.

Para Kelly Arraes, este trabalho é apenas o passo inicial para alcançar o que deseja, ser uma grande estrela do cinema pornô, e ao que parece já está chegando bem perto, pois acaba de receber um convite para participar do filme do cineasta Ary Santiago. "Sexo em qualquer lugar", que começará a ser rodado em Brasília, dentro de pouco tempo.

Para Neusa, nome artístico Tyara, o

strip-tease deve ser encarado como qualquer outra profissão. Além de dançar, Tyara faz o show de dublagem. Cantar sempre fez parte de sua vida, e desde criança gostava de gravar e depois ficar ouvindo sua voz. "Eu sempre sonhei com algo mais alto, e através da dublagem penso chegar lá", diz Tyara, que um dia pretende ser cantora profissional.

Segundo o diretor artístico do show, Luis Tome, foi muito difícil encontrar pessoas para trabalhar no show, e o problema maior eram as garotas que iam ao cinema pensando que ali ganhariam dinheiro fazendo programas, o que não é a proposta do lugar. Lá as meninas são sindicalizadas, têm carteira assinada e recebem dois salários mínimos para tirar a roupa seis vezes por dia.

Apesar de nunca ter acontecido nenhum incidente com o público, este tipo de trabalho provoca um certo preconceito. Luis Tome, conta que um dia uma senhora ficou indignada com o que viu. Após ter assistido ao filme pornô, achou um absurdo que durante o strip-tease as garotas ficassem completamente nuas, e foi direto reclamar com a gerência do cinema. "O que choca as pessoas, não é o sexo, mas o fato do show ser ao vivo", afirma Tyara.

Este é o falso pudor que leva as pessoas a entrarem e saírem do Cine Ritz rapidamente e às escondidas. Dentro do cinema, a luz nunca acende totalmente — afinal as identidades precisam ser preservadas.

Marcus Vinicius.



Strip Tease SHOW
AO VIVO no PALCO

CINE Ritz

HOJE
CENAS SEXO
explicito
CENS. 18 ANOS

PROGRAMAÇÃO INÉDITA!
ÀS: 13.40 15.40 17.40

Diariamente: 12.15 14.16 18.20.15 22 Hora

COPA-70
BRASIL TRI-CAMPEÃO DO MUNDO

HOJE 2 FILMES

A localização do Cine Ritz, no Setor de Diversões Sul, conhecido como "Conic", não se deu por acaso. Nesse local funcionava o antigo cinema Superama Karim,

que só exibia filmes pornográficos em doses duplas (pagava-se um ingresso e assistia-se a dois filmes).

A área é propícia e sugestiva para esse tipo de cinema. Durante o dia, transitam por ali "office boy", contínuos, desempregados, executivos,

um possível público alvo. À noite, o público muda, são as "pessoas da noite", que ocupam a região: travestis, prostitutas, homossexuais, recos, etc.

O setor conta com três boates (Bataklan, New Aquarius e La Bohème), seis

cinemas, uma faculdade de arte, o "Dulcina", botecos, fliperamas e vários escritórios de empresas públicas e privadas. O fato de estar entre o Setor Comercial Sul, conjunto Nacional e Rodoviária, o torna bastante conhecido e transitado.

No lugar do antigo Superama Karim surgiu uma novidade que parece estar dando certo: é o show strip-tease do Cine Ritz. Os shows, apesar de bem aceitos pela população, são mal vistos por algumas senhoras, que até organizaram o I Congresso em Defesa da Família e da Moral Cristã.

Erotismo x Pornografia

MARTHA FARIA DE MENEZES

"Os brasileiros assistem a filmes pornográficos desde as primeiras décadas deste século", segundo o cineasta e professor da UnB Geraldo Moraes. "Já naquele tempo existia uma indústria clandestina de cinema pornô, com circulação extremamente restrita, feita aos coichos, e que interessava apenas a 'homens curiosos'".

"O aparecimento do filme pornográfico comercial, entretanto, está diretamente relacionado ao advento do chamado 'milagre brasileiro'", explica o professor, para quem "o sexo foi utilizado pela ditadura como uma válvula de escape durante o período mais negro da repressão, já que todo e qualquer direito político estava proibido". O fato do sexo ter deixado de ser tabu também contribuiu para o crescimento do cinema erótico, a partir dos anos 70, e da propagação de filmes pornográficos, no início dos anos 80.

O cineasta lembra que os primeiros filmes produzidos na época da ditadura eram "discretamente eróticos", não pornográficos, e faz a distinção entre os dois gêneros. "No cinema erótico, o sexo é o componente básico, e muitas vezes o elemento dramático do filme, mas não existe aquela apelação direta às cenas

explícitas. Já a maioria dos filmes pornôs não possui uma estrutura dramática, ou seja, o objetivo se esgota na explicitação das cenas de sexo".

Existem diferenças também quanto à ideologia. "O cinema erótico", afirma o professor, "por tratar o nu de forma artística, produz verdadeiras obras de arte, enquanto o cinema pornô quase sempre repete a ideologia machista, repressiva, típica da ditadura, que apresenta o macho como dominador e a mulher como objeto de desejo e dominação masculina".

Ambos os gêneros, porém, devem ser encarados como simples formas de expressão, sem qualquer preconceito. Afinal lembra Geraldo, foram eles os responsáveis pela criação de um setor industrial cinematográfico permanente, gerando todo um mercado de trabalho específico e possibilitando o surgimento de excelentes técnicos e criativos cineastas.

A tendência do cinema pornográfico, entretanto, é a saturação: "Inicialmente", diz o professor, "porque num período de redemocratização como o que vivemos, a necessidade do sexo como válvula de escape deixa de existir. Além disso, a própria repetição de temas e enredos acaba por cansar o espectador".

O sonho e o real

AMNERES PEREIRA

O Ritz, dos poucos cinemas da cidade que não pertence à rede Karim, é uma firma independente em franca expansão atuando na linha do cinema pornô, a empresa importou de São Paulo a combinação cinema strip-tease e criou uma sessão diária ao meio-dia, o que vem conquistando uma gorda parcela de público.

No coração da zona erótica da cidade, o Conic, o Cine Ritz está com dois meses de vida e tem uma programação semanal: a cada oito dias um novo filme e um novo show. Para Luiz Tomé, produtor artístico do strip-tease, a idéia surgiu para chamar mais gente ao cinema. "O público de cinema sofreu uma queda, nos últimos tempos, em razão da maior liberação de filmes para a televisão, pela censura e da proliferação de vídeo-cassetes no país". Explica Luiz.

Além do strip-tease o espaço é, também, aberto ao teatro erótico, como a peça trazida de São Paulo para inaugurar o cinema. A razão do sucesso do empreendimento, segundo seu produtor artístico, está diretamente ligada à fase erótica em que se encontra a sociedade. "De uma fase romântica passou-se a uma fase erótica, o que poderá mudar a qualquer momento". Explica Luiz Tomé.

O público que frequenta o Cine Ritz é formado por 70% de homens e 30% de casais. A mulher sozinha praticamente não se aventura a ir a esse tipo de espetáculo. A segurança é formada

por dois homens que controlam, principalmente, os fumantes e um segurança de camarim "que nunca precisou ser acionado, em virtude do público de Brasília ser suficientemente educado para assistir e aplaudir os shows, sem ultrapassar os limites do palco", afirma Luiz.

Dançarinas

Segundo Luiz Tomé, o primeiro trabalho que vem sendo feito com as dançarinas da cidade é um trabalho de conscientização do que é a profissão, seguido de um treinamento básico. Todas as atrizes que estão no show são de Brasília. Elas passam por um treinamento de um mês, antes de subirem ao palco e fazem parte de uma escala móvel, isto é, um revezamento mensal, por grupo, para não cansar a imagem das artistas. Para isso existe um diretor artístico, que treina as atrizes e monta o espetáculo e um produtor artístico, responsável por toda a produção do show, abrangendo palco, camarim, iluminação, som, etc.

Existe, ainda, um projeto para se fazer um filme todo rodado em Brasília, também com temática erótica, encabeçado por um grupo de São Paulo e pelo pessoal do Cine Ritz. O projeto, se concretizado, terá 50% de participação do pessoal de Brasília, entre artistas e produtores, o que, segundo Luiz Tomé, dará um grande boom à cinematografia local. E finaliza: "Nossa intenção é sempre produzir usando recursos locais e aproveitando o material humano da cidade".



I Congresso em defesa da Moral Cristã

NEVINHO ALARCÃO

A par da "perversão total do homem", que representa para a sociedade o show do Cine Ritz, aconteceu em Brasília nos dias dois, três e quatro, o 1º Congresso Nacional em Defesa da Família e dos Valores Cristãos. Pelo nome pode-se saber do que se trata: senhoras combativas que se reuniram para lutar contra "a perversão sexual dos jovens", conforme defende Maria Cora Menna Barreto Monclaro, presidente da Sociedade Beneficente de Estudos Filosóficos, promotora do evento. "O Congresso é para os jovens", anuncia D. Maria Cora, completando que a verdadeira liberdade é a do espírito.

O Congresso promovido pela SBEF, de cunho católico, atrai pessoas do Brasil inteiro. Dividido em sete comissões, como a que debaterá os "Valores Fundamentais da Família", ou com o tema "A Decadência Social; suas causas, seus agentes", o Encontro será aberto por ninguém menos que o professor Sobral Pinto, no Auditório Petrônio Portella, do Senado Federal. Sobral Pinto, do alto de seus noventa e tantos anos, é um virtuoso católico defensor da Família, e capaz de atos tão contraditórios, como a famosa defesa do comunista Luís Carlos Prestes. Ele desembarcou em Brasília, especialmente para a palestra inaugural a convite de Maria Cora, antiga amiga e irmã de Fé.

De opinião que o sexo não está no instinto, D. Maria Cora Menna Barreto Monclaro é contra a atual liberalização dos costumes e da mulher em particular. A mulher cristã é livre por si mesma, e lembra a responsabilidade da mulher no casamento. "O cristão tem compromisso com a moral", preceitua D. Maria Cora. Segundo ela, fica evidenciado nesses shows que a mulher nunca foi tão objeto, e que strip-tease não é arte: "Arte é para o espírito". Ela julga o erotismo uma distorção do verdadeiro sentido do sexo, que é nobre e transcende a matéria. "O que acontece no Cine Ritz é uma decadência do homem".



NARA FERREIRA E
ANA PAULA MACEDO

Mais de 100 mil mortos, um milhão de feridos e um prejuízo, em termos materiais, de bilhões de cruzados. Este é o saldo deixado em 1985 por acidentes de trânsito no Brasil, um País que possui 14 milhões de veículos e tem cinco vezes mais acidentes do que os Estados Unidos, onde rodam 110 milhões de veículos. Só a cidade de Los Angeles conta com mais veículos do que o Brasil inteiro.

De acordo com pesquisas realizadas por instituições ligadas ao trânsito, mais de 80% dos acidentes de trânsito no Brasil são provocados por falha humana. Baseado nessa grave estatística, o Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, com o patrocínio do DNER, e apoio do CONTRAN e DETRAN, promoveu o I Encontro Nacional de Educação para o Trânsito — EDUTRAN — entre os dias 19 e 23 de maio, aqui em Brasília.

O encontro contou com a participação de 330 pessoas, representantes de 200 instituições, incluindo



De acordo com as estatísticas, mais de 80% dos acidentes de trânsito no Brasil são provocados por falha humana.

do Secretarias de Educação, Conselho de Reitores, CONTRAN e DNER de todos os Estados, Polícia Militar e DETRAN. Além de discutir os problemas do trânsito no Brasil, o I EDUTRAN propôs um Plano Nacional de Educação para o trânsito, a nível de ensino universitário. Atualmente, em vários Estados, a educação para o trânsito já é aplicada em escolas do primeiro e segundo graus. Devido ao elevado número de acidentes no País, tornou-se necessária uma ação conjunta das instituições de Ensino Superior, autoridades e órgãos ligados ao assunto, como forma de minimizar o problema.

O Plano será encaminhado ao Ministério da Educação e à Presidência da República para

apreciação. O objetivo é inserir o tema "Educação para o Trânsito" em todas as universidades, a nível de graduação, pós-graduação, extensão e pesquisa. Segundo o chefe e coordenador de Educação para o Trânsito do DNER em Brasília, Astrogildo Almeida Melo, o assunto deve ser abordado em todos os cursos, com a contribuição de professores e centros acadêmicos. "Cada departamento deveria escolher um representante, para a formação de um Conselho de Trânsito dentro da Universidade, que ficaria encarregado de introduzir o assunto em todas as áreas. Afinal, Educação de Trânsito está integrada em nossa vida cotidiana, a partir do momento que a gente sai de casa", sugere Astrogildo de Melo.

O PLANO

O Plano de Educação Nacional para o Trânsito contou com propostas e sugestões tiradas dos Painéis de Debates realizados em cada Estado da Federação. A

O Brasil é o recordista mundial em acidentes de trânsito. As universidades podem ajudar a solucionar o problema.

proposta de Brasília inclui, principalmente, a introdução do assunto em diferentes níveis dentro da universidade. Em termos de graduação, o plano sugere a inclusão do tema no conteúdo de várias disciplinas, o incentivo a pesquisas sobre o trânsito e seus problemas, envolvendo órgãos financeiros de pesquisas; a oferta de estágios supervisionados em áreas relacionadas ao problema.

Na pós-graduação: programar e oferecer cursos de especialização, incentivar pesquisas, além de oferecer cursos para professores, alunos e a comunidade em geral. No entanto, para que essas propostas sejam colocadas em prática há a necessidade de um intercâmbio crescente entre as universidades e órgãos, federais e estaduais, de trânsito.

BRASÍLIA

O Brasil é recordista em número de acidentes de trânsito e sua capital, com a média de um acidente fatal por dia, contribui significativamente para essa situação. Enquanto em abril do ano passado foram registrados 1.109 casos, entre atropelamentos e colisões de automóveis, no mesmo mês deste ano este índice subiu para 2.086, com 322 vítimas, sendo 37 fatais.

"A situação de Brasília é a mais crítica porque o trânsito é livre, não há cruzamento de vias e o povo é muito mal-educado", afirma Alair Alves Araújo, patrulheiro e orientador de Educação de Trânsito nas escolas de Brasília. Na sua opinião, para melhorar o trânsito da cidade deveria haver uma maior contribuição dos meios de comunicação, incentivando o respeito às normas do tráfego. "O problema não está nas auto-escolas, mas no próprio cidadão. Falta uma maior conscientização do nosso povo. Porque o americano sente a necessidade de usar o cinto de segurança e o brasileiro não? O problema do Brasil é cultural", conclui o patrulheiro.

312 Norte: a quadra que mudou de cara

FABRÍCIO MARQUES

Em 1982, a Superquadra Norte 312 destoava do conjunto recém-construído da Asa Norte. Seu aspecto era de uma quadra decadente. Os prédios estavam mais que desbotados em suas fachadas. Pouco tinha sobrado dos jardins e da estrutura de urbanização implantada nos anos 60. A fama da 312, para piorar, era de ponto de malandro. O valor dos imóveis era o mais baixo das redondezas. Era preciso mudar este estado de coisas para preservar o patrimônio imobiliário dos moradores, em parte pioneiros que compraram os apartamentos em condições favorecidas nos primeiros anos de Brasília.

Os síndicos dos blocos da 312 se uniram e formaram um Conselho. Arrecadou-se dinheiro entre os moradores. Pintaram-se as fachadas de todos os prédios. A quadra, de fato, mudou de aspecto. Mas a restauração das estruturas de urbanização destruídas

com o tempo não poderia ser bancadas com os recursos dos moradores. O Conselho dos Síndicos resolveu apelar para o Governo do Distrito Federal sem, contudo, conseguir resultados imediatos.

Em 1984, o então governador de Brasília, José Ornellas, foi à 312 reinagurar a escola-classe que havia sofrido uma reforma. Os síndicos não deixaram escapar a oportunidade e, na hora do discurso do governador, tomaram a palavra e colocaram seus problemas. Para surpresa dos moradores, o governador se sensibilizou com os pedidos e prometeu atendê-los de pronto. Depois disso, o Conselho de Síndicos se transformou em miniprefeitura da quadra. Apesar da eleição ter sido indireta (so votaram os síndicos) a 312 ganhou um prefeito, ou melhor, uma prefeita: a síndica do bloco "K", Alvineia Peixoto dos Santos.

A prefeita logo passou a coordenar o trabalho de reurbanização

da quadra, planejado pela CO-DEPLAN. Os estacionamentos foram alargados. A terra e o mato foram substituídos por gramados e árvores. Galerias de água pluvial foram construídas. Os caminhos de cimento, refeitos. Aproveitando o ano do deficiente, algumas escadas viraram rampas. A única promessa não cumprida foi a construção de uma quadra de esportes. A 312 ficou novinha em folha.

Passados dois anos de sua criação, a miniprefeitura da 312 está quase desativada. Depois da reurbanização, dona Alvineia Peixoto se recusa a dar um caráter político ao cargo que ocupa. As últimas ações da prefeitura foram no sentido de acabar com os "pegas" na entrequadra com a 313 Norte, o que foi atendido pela Secretaria de Segurança, e de implantar um cruzamento e um semáforo na W-3, o que também está sendo feito. O sintoma do marasmo por que passa a prefeitura pode ser observado já na entrada da 312. O dono da banca de jornais não soube responder se a miniprefeitura ainda existe. Mas a quadra se valorizou. Há apartamentos na 312 sendo vendidos por até 700 mil cruzados.

A PREFEITA

A primeira prefeita de uma

superquadra de Brasília é uma baiana radicada em Brasília desde 1960. Alvineia Peixoto dos Santos além de prefeita da 312 e síndica do bloco "K", é professora da Fundação Educacional e diretora de uma escola-classe. E ainda sobra tempo para a prefeita se dedicar às obras de sua Igreja, a Evangélica. Estas atividades, às vezes, se misturam. Neste ano, dona Alvineia iniciou um trabalho de evangelização entre o rebanho da 312. Já visitou os blocos A e B. Agora durante a Copa do Mundo, temendo acolhidas menos calorosas, decidiu interromper este trabalho.

D. Alvineia mora na 312 deste 1965 e é uma das primeiras moradores do lugar. Tem uma experiência administrativa vitoriosa em seu bloco, onde é síndica há muitos anos (foi novamente reeleita neste mês). É responsável pela transformação de uma creche incendiada, que funcionava no subsolo de seu bloco, em garagem coberta e privativa dos moradores. No "hall" do andar térreo do bloco, D. Alvineia construiu uma garagem que hoje abriga dezenas de bicicletas e velocípedes. Fechou uma outra parte do térreo para a construção de um salão de festas para o bloco, com mesas, cadeiras, cozinha, banheiros masculino e

feminino, fogão, geladeira, enfim, tudo o que um buffet tem direito. O orgulho de D. Alvineia é saber que seu bloco está mais valorizado que os outros.

Quanto à miniprefeitura, D. Alvineia faz questão de frisar que seus objetivos são "sociais, culturais e esportivos, nada de política". Lembra as conciliações que promoveu entre o pessoal de sua quadra e as turmas da 112 e 113 Norte depois de alguns desentendimentos um tanto violentos. Mesmo com boas recordações de sua gestão, D. Alvineia disse que não quer se reeleger.

Num domingo desses, um grupo que participava de uma gincana na cidade-satélite do Gama apareceu na 312 para busca-la. Uma das tarefas da gincana era trazer, em pessoa, um prefeito de superquadra. D. Alvineia não atendeu de pronto, pois estava trabalhando para a Igreja, mas ao final da tarde a tarefa estava cumprida. Sempre solícita, D. Alvineia terminou a entrevista dizendo que esta aí mesmo para servir: "O que é que me custa receber você, que está fazendo um trabalho para a Universidade", disse D. Alvineia. E arrematou: "Quando sair o jornal, não se esqueça de mandar um pra mim".